

esec
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



Departamento de Educação

Mestrado em Didática da Língua Portuguesa

Adolfo Simões Müller
Príncipe da Literatura Infanto-Juvenil

Trabalho realizado sob a orientação da Mestre Leonor Riscado

Novembro de 2012

AGRADECIMENTO

Este trabalho só foi possível graças ao préstimo de um grupo de pessoas a quem agradeço a disponibilidade e paciência demonstradas.

À **Mestre Leonor Riscado** que me acalentou o sonho de empreender esta investigação e que me foi orientando.

Aos **Amigos de Hergé**, nomeadamente o **João Paulo Paiva Boléo** que pôs ao meu dispor uma vastíssima documentação. Deste grupo de apreciadores da obra do autor de *Tintin* fazem ainda parte **José Menezes** (a quem agradeço a leitura em primeira mão do seu trabalho sobre *O Papagaio*) e **Fernando Cardoso** (obrigado por andar de alfarrabista em alfarrabista à procura de obras de Adolfo Simões Müller).

Os agradecimentos só ficam completos se referir os nomes dos escritores **António Mota** e **José Fanha** que tiveram a amabilidade de me facultar toda a informação pedida. Um agradecimento especial ainda ao cartunista **Zé Oliveira** que, por iniciativa própria, me disponibilizou documentos com grande relevância para este meu trabalho. Da primeira à última linha (e até nas entrelinhas) está o dedinho de cada um deles.

À Isabel, por me ter amparado nesta aventura,
à Patrícia e ao Pedro que privei de alguns momentos de convívio,
e aos meus progenitores agradeço. Especialmente ao meu pai que sempre acreditou em mim.

Muito obrigado a todos.

O autor

ADOLFO SIMÕES MÜLLER PRÍNCIPE DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Resumo da tese

Mais do que realizar um trabalho académico, pretendi com este documento prestar uma homenagem a um escritor grandemente apreciado ao longo de várias gerações e do qual muitos dos que viveram nas décadas de 40 a 80 poderão não recordar o nome, embora tenham lido alguma das suas obras. Adolfo Simões Müller é tão só o maior divulgador da banda desenhada franco-belga em Portugal, tendo sido o responsável pelas principais revistas para jovens. *O Papagaio*, *Diabrete*, *Cavaleiro Andante*, *Foguetão* e *Zorro* são as publicações que foram por ele dirigidas. Adolfo Simões Müller está também associado à introdução do *Tintin* em Portugal, fazendo do nosso país o primeiro do mundo a publicar fora da Bélgica as aventuras daquele herói. Se isso não bastasse, foi em Portugal que o herói de Hergé saiu a cores pela primeira vez, muito antes de tal suceder no seu país de origem.

Adolfo Simões fica também na história da literatura infanto-juvenil por assinar várias biografias romanceadas de figuras como Marie Curie, Thomas Edison e Florence Nightingale, além de ter adaptado para os mais novos clássicos portugueses e universais.

Este é um autor que urge (re)descobrir, já que dedicou a sua vida à escrita, assinando livros, dirigindo revistas, escrevendo para programas radiofónicos e televisivos, sem esquecer o teatro. Cedo experimentou a poesia e sempre a promoveu, procurando cativar os jovens. Este é o retrato de um autor que deixou a sua marca, influenciando homens e mulheres que mais tarde se dedicariam à escrita. Alice Vieira é uma delas. Neste trabalho incluem-se os testemunhos daqueles que, de uma forma ou doutra, foram tocados pela escrita daquele que foi considerado o “príncipe da literatura infanto-juvenil”.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil; *O Papagaio*; *Diabrete*; *Cavaleiro Andante*; *Meu Portugal*, *Meu Gigante*; banda desenhada;

ADOLFO SIMÕES MÜLLER THE PRINCE OF YOUTH LITERATURE

Summary of the Thesis

More than writing an academic piece, I have meant to pay a tribute to a writer that many generations between the 1940s and 1980s have greatly appreciated, even if they may not remember his name. Adolfo Simões Müller has been the greatest contributor to the popularization of franco-belgian comics in Portugal, as he was responsible for many youth magazines. He notably directed *O Papagaio*, *Diabrete*, *Cavaleiro Andante*, *Foguetão* and *Zorro*. Adolfo Simões Müller is also associated with the introduction of *Tintin* in Portugal, making this country the first in the world to publish the adventures of this character outside of Belgium. As if it was not enough, Portugal was the first country where its adventures came out in colour, before it actually happened in his country of birth.

Adolfo Simões also features in the history of youth literature by authoring a number of romanticized biographies of characters such as Marie Curie, Thomas Edison and Florence Nightingale, besides having adapted classic works of Portuguese and international literature for a young audience.

This author is worth re-discovering because he dedicated his life to writing, authoring books, editing magazines, writing for radio and television shows and theater. He practiced poetry early on and always promoted it, trying to appeal to young people. This is the portrait of an author who left his imprint, influencing men and women who would later engage with writing, such as Alice Vieira. This piece includes testimonies of people who, in one way or another, have been affected by the work of a man who would be considered the “prince of youth literature”.

Key-words: Youth Literature; *O Papagaio*; *Diabrete*; *Cavaleiro Andante*; *Meu Portugal*, *Meu Gigante*; Comics;

SUMÁRIO

I – Introdução	1
II – A infância	7
III – Adescoberta de uma vocação	15
IV – <i>O Papagaio</i> e os concorrentes	23
V – <i>Tim-tim</i> português	35
VI – <i>O Diabrete</i> : a aventura continua	45
VII – Do <i>Diabrete</i> para o <i>Cavaleiro Andante</i>	53
VIII - Do <i>Foguetão</i> para o <i>Zorro</i>	59
XIX- Müller e Hergé	65
X - Maria Amélia Bárcia: braço direito de Adolfo Simões Müller	69
XI – O amigo Fernando Bento	73
XII – O homem da rádio	79
XIII - Produção literária intensifica-se	83
XIV- Adolfo Simões Müller e a Banda Desenhada	89
XV - Para além da literatura infantil e da BD	95
XVI - O jornalista	101
XVII – O poeta	105
XVIII - Homenagens	109
XIX – Testemunhos	113
XX – Bibliografia	127
XXI – Anexos	133

I

INTRODUÇÃO

Entra-se numa biblioteca, seja ela pública ou escolar, e verifica-se, com algum esforço, que a obra de Adolfo Simões Müller ainda vai figurando nas prateleiras das estantes. Contudo, tendo publicado o seu derradeiro livro até meados dos anos oitenta, este autor está longe de ser, na atualidade, um dos mais lidos dentro e fora das escolas e só os alfarrabistas poderão valer a quem quiser adquirir exemplares da sua vasta obra.

Enquanto professor do 1.º Ciclo, interessei-me pelo trabalho deste escritor por mais do que um motivo. Em primeiro lugar, porque descobrira, há já alguns anos, que o seu nome aparecia ligado ao de Hergé, o mundialmente conhecido pai espiritual do *Tintin*. Adolfo Simões Müller é tão-somente o responsável pela introdução em Portugal, em 1936, daquele ícone da banda desenhada. Depois da Bélgica, o nosso país foi o primeiro a publicar as pranchas daquele repórter e do seu cão Milu. Isso deveu-se a Adolfo Simões Müller que, nas páginas de *O Papagaio*, uma revista destinada ao público infantil por ele dirigida, teve também a ousadia de publicar a cores aquele herói das histórias aos quadradinhos, muito antes de isso acontecer na Bélgica, país de origem do *Tintim*.

Quem era aquele português com quem Hergé trocara correspondência, chegando mesmo o escritor a valer ao desenhador belga no conturbado período da Segunda Guerra Mundial? Como tintinófilo confesso, não tive dúvidas de que Adolfo Simões Müller se me afigurava uma personalidade rica, cuja obra e percurso mereciam ser estudados e, desta forma, apresentados ao público. Daí ter escolhido este autor para tema central do meu trabalho de mestrado.

Por outro lado, enquanto professor titular de uma turma do 4.º ano, descobrira há pouco *Sola Sapato e Outras Histórias*, uma das últimas

produções de Adolfo Simões Müller, de forma puramente accidental, na biblioteca da minha escola. Arrumado numa das mais dissimuladas prateleiras da última estante, lá estava aquele livro, juntamente com outros da autoria de Ricardo Alberty ou Isabel Mendonça. Estes são apenas dois exemplos de escritores para o público infanto-juvenil que hoje são pouco ou nada conhecidos, em virtude de as suas histórias nunca terem sido reeditadas. As últimas edições, a maioria datada da década de 80, lá vão sobrevivendo sem o brilho dos títulos da atualidade. Adolfo Simões Müller é um deles, vítima de nunca ter sido reeditado.

Propus-me, por isso, empreender este trabalho, com o objetivo de, para uns, reavivar a obra deste escritor que foi considerado o “Príncipe da Literatura”. E ainda são muitos os leitores – já todos com uma idade respeitável – que se lembram de Adolfo Simões Müller. Por outro lado, havia também que dá-lo a conhecer aos mais jovens. Foi isso que fiz, por minha iniciativa, à revelia dos títulos recomendados pelo Plano Nacional de Leitura, lendo algumas das suas obras aos meus alunos de nove e dez anos. Fica o convite, ao longo das próximas páginas, para (re)descobrir esta figura multifacetada, distinguida três vezes com o Prémio Nacional de Literatura Infantil, já que, além de autor de literatura infanto-juvenil, Adolfo Simões Müller será também para muitos o diretor de revistas como *O Papagaio*, *Diabrete* e *Cavaleiro Andante*, publicações que, naqueles anos, faziam com que as crianças formassem filas em frente dos quiosques, que depois de as ler as trocavam. Além de jornalista, pedagogo, dramaturgo, produtor de programas radiofónicos e diretor do gabinete de estudos da Emissora Nacional, ele é também tradutor, adaptador e argumentista de BD. Para outros, ele é também poeta e jornalista, além de ter igualmente feito publicidade. O seu trabalho de tradutor também foi significativo, com traduções de obras como *Cartas*

de Amor, de Pablo Neruda, e *Os Possessos*, de Dostoievski, além de ter escrito textos narrativos, poéticos e peças de teatro, conforme revela Pires.

Foi considerado, e não só em Portugal, como um mestre da literatura infantil e juvenil, tendo introduzido entre nós o “mágico moderno”, o “maravilhoso real” dos nossos dias. Além disso, é citado no *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*: “Entre nós é praticamente único”; na *História y Antologia de la Literatura Infantil Iberoamericana* (1966), de Carmen Bravo Villasante: “Temos que assinalar a grande obra que está realizando em Portugal Adolfo Simões Müller”; na antologia *Los Mejores Cuentos Juveniles de la Literatura Universal* (1965), de Carolina Toral: “Considerado o príncipe da literatura infantil portuguesa, tem personalidade própria, com as suas colecções de história e as suas preciosas biografias de grandes figuras à maneira de contos”.

Tendo publicado três dezenas de livros da especialidade, contando mais de 70 edições com cerca de 300 mil exemplares vendidos em Portugal e em Espanha, este é um autor que urge ler. É Adolfo Simões Müller nas suas várias vertentes que vamos conhecer, ora com base nos testemunhos de quem privou com ele, ora recorrendo a variada documentação. Aqui fica o retrato de um “homem dos (setenta e) sete instrumentos”, nas palavras de Pedro Cleto. “Uma vida cheia”. Foi assim que Simões Müller qualificou o seu percurso numa entrevista ao *Jornal de Letras (JL)*. Conheçamos pois aquele que é considerado “um dos grandes pioneiros do registo literário infantil, a partir do segundo quartel do século XX”, conforme é referido no sítio do Centro de Recursos e Investigação sobre Literatura para a Infância e Juventude.

II
A INFÂNCIA

18 de agosto de 1909. A monarquia portuguesa dá os seus últimos suspiros. D. Manuel II, a muito custo, governa o país, enquanto os republicanos vão ganhando força. Em Lisboa, na freguesia de Santa Isabel, nasce Adolfo Simões Müller, filho de Adolfo Emílio José Maria Sexton Müller, de ascendência alemã, e de Maria Albertina Simões Müller. Estamos em Campo de Ourique, num dos bairros mais antigos da capital. É aqui, perto do Jardim da Parada, que Adolfo Simões Müller vive até à adolescência.

É ele quem recorda, em *O Príncipe Imaginário e outros contos tradicionais*, que “morávamos na rua do Possolo (salvo erro, no n.º 16), ao cimo da Calçada das Necessidades, mesmo defronte do Grupo Recreativo e Dramático “Os Combatentes”, em cujo palco se apresentavam belas promessas de artistas. Ali se estreou Maria Clara, que depois, nos anos 40, se tornaria cançonetista famosa e eu viria a conhecer na Emissora Nacional”.

Vale a pena ouvir da boca do próprio Adolfo Simões Müller como foram vividos estes primeiros anos de vida. Em *O Príncipe Imaginário e outros contos tradicionais*, Adolfo Simões Müller reúne em livro uma mão-cheia de histórias que ouviu durante a sua infância e que, “muitos anos depois, fui revivendo na leitura dos livros dos especialistas”.

No prefácio da obra acima referida, o escritor refere-se “à criada” chamada Isabel que trabalhava em casa dos pais. Sérgia, a mãe dessa criada, ia uma vez por semana a casa do menino Adolfo Simões Müller. Aí, a Sérgia – apesar de “praticamente analfabeta” - contava histórias que deliciavam as crianças lá de casa. Esta velha ama é, sem dúvida, em parte responsável por ter incutido no jovem Adolfo Simões Müller o gosto pelas histórias e tudo começou quando lhe contou *O Príncipe Imaginário*. A ela, Adolfo Simões Müller agradece, fazendo o seguinte

pedido: “E vê lá, minha velha amiga, se te ensinam agora outras histórias, nalguma galáxia da vizinhança... Adeus, Sérgia. Obrigado!”

Até numa ida ao Jardim Zoológico, a Sérgia não perdia a oportunidade de maravilhar o jovem Adolfo Simões Müller: “E isso, é claro, serviu de pretexto para a Sérgia nos contar alguns velhos contos de animais”, recorda o escritor.

Afinal, outros nomes da literatura portuguesa tiveram, nalguma página dos seus livros, a velha ama que lhes contava histórias. É o próprio Adolfo Simões Müller que cita os casos de Almeida Garrett, Antero de Quental, António Nobre, Guerra Junqueiro e Eugénio de Castro. Quanto ao livro *O Príncipe Imaginário e outros contos tradicionais*, que Adolfo Simões Müller publicou em 1985, o autor refere que eles são os contos da sua memória, mas também “os meus contos da Sérgia”.

Ainda nessa mesma coletânea de contos, Simões Müller alude a Ana de Castro Osório, considerada por muitos a criadora da literatura infantil no nosso país. Foi ela quem recolheu e contou numerosos contos da tradição popular. Estão reunidos em dois volumes com o título *Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa*.

A este propósito, Adolfo Simões Müller considera “curioso que, num total de 60 contos, não chegue a um terço o número dos que apresentam a abertura “tradicional”: “era uma vez”, substituindo-a com frequência por outras expressões também de uso corrente, como “era de uma vez”, “houve outrora”, “em tempos que já lá vão” e outras. Não obstante este leque alargado de alternativas, “Era uma vez” era a expressão inicial preferida pela Sérgia”.

Conforme referiu a escritora Alice Vieira (2004), numa homenagem prestada a Adolfo Simões Müller, nestas recolhas, ele

“salienta muito a importância fundamental dos contadores de histórias, do tempo em que havia tempo para estar à lareira a ouvi-los”, acrescentando ainda que “também nessa época, as avós eram as transmissoras das histórias de tradição popular”, sem esquecer “uma importantíssima, que era a velha Doroteia, que terá contado aos irmãos Grimm mais de metade das histórias que eles depois viriam a relatar”.

Adolfo Simões Müller não perde a oportunidade de homenagear a velha ama contadora de histórias, ao escrever uns versos que saíram num dos primeiros números de *O Papagaio*, o primeiro jornal que “fundi e dirigi há uns bons cinquenta anos”. Para melhor percebermos a importância da D. Sérgia, nada melhor do que aqui reproduzir o poema de Adolfo Simões Müller:

Era uma vez

*Quando eu era pequenino
Gostava de ouvir contar
Histórias de princesinhas
Encantadas ao luar.
Havia então lá em casa
Uma criada velhinha:
A Sérgia contava histórias
- e que graça que ela tinha!
Lendas de reis e de fadas,
Inda me encheis a lembrança!
Que saudades de vós tenho;
Ó meus contos de criança!
“Era uma vez...” As histórias
Começavam sempre assim;
E eu, então, sem me mexer,
Ouvia-as até ao fim.
Lembro-me ainda tão bem!
Os irmãos à minha beira,*

*Calados! E a boa Sérgia
Contava desta maneira:
Era uma vez...” E, depois,
Olhos fitos nos meus lábios,
Ouvia contos sem conta
De gigantes e de sábios...
“Era uma vez...” E, por fim,
A voz da Sérgia parava...
E assim como eu te contei
Era como ela contava.
Ai! Que saudade, que pena,
Que nos meus olhos tu vês!
Eu sentava-me e ela, então,
Começava: - “Era uma vez...”
Mas já a Sérgia, nós sentados,
contava:
“Era uma vez...”*

Entretanto, enquanto estudante, Adolfo Simões Müller passa pelo Colégio Figueiredo, em Campo de Ourique. De acordo com Alice Vieira, é neste estabelecimento de ensino que o escritor trava conhecimento com a menina Letícia que ali trabalhava como empregada e “a quem depois terá pago essas histórias, escrevendo-lhe quadras, que foram as suas primeiras quadras, quando tinha para aí seis ou sete anos. As primeiras quadras de amor foram para a menina Letícia, que lhe tinha contado muitas histórias no Colégio Figueiredo! Nessas histórias nós podemos, realmente, viajar, por esses longos serões das espaçosas noites de inverno, pelo murmúrio das vozes junto à lareira, pelas xácaras e romances de princesas e cavaleiros, pelas bruxas e lobisomens, pragas e feitiços”.

Nas páginas de introdução de *As Mil e Uma Noites*, numa parceria com o desenhador Fernando Bento, Adolfo Simões Müller recorda que “era eu um catraio, um miúdo de bibe e calção, mais pequeno do que a maioria dos que me estão a ler agora... Andava a aprender a ler – a... i... lê-se aí... - com a menina Letícia, uma simpática velhota dos seus sessenta e tal anos, julgava eu, quando, soube depois, tinha apenas dezassete... Eu cá tinha pressa de saber ler, para poder ler todos os livros de folhas douradinhas que havia na estante do meu pai, ao fundo do corredor. Entretanto, valia-me a senhora Sérgia, mãe de Isabel, a nossa empregada doméstica, que aparecia uma vez por outra lá por casa e nos contava, a mim e aos meus irmãos, uma lengalenga de histórias que eu nunca havia de esquecer pela vida fora. Assim que soube escrever, passei a apontá-las na melhor letra que tinha – que era muito má... Depois, mais tarde, quando a vida deu um pulo, li essas mesmas histórias aos outros rapazes que apareciam lá em casa e a quem a minha mãe dava sempre pão com marmelada e eu só comia pão com manteiga”.

Adolfo Simões Müller rememora ainda que “as histórias da senhora Sérgia eram quase sempre as mesmas. Falavam de um sultão, um chefe das Arábias, que tinha a mania de casar com uma mulher que lhe contasse uma história para ele adormecer e depois, no dia seguinte, mandava cortar-lhe a cabeça quando bastaria mandar cortar-lhe a palavra... Até que um dia encontrou uma noiva, chamada Xerazade, que descobriu a artimanha – a manhosa! – de chegar à meia-noite com a história ainda no meio, de modo que o sultão, tão tão mau, tinha tanta pena de Xerazade ou, antes, tinha tanta pena de não saber o resto, que adia para a noite seguinte a continuação. É claro que nessa segunda noite a história acabava cedo, e a Xerazade dizia que sabia uma ainda mais bonita. O sultão caía na esparrela e ela deixava outra vez uma história em meio. E assim as noites foram passando, até que, ao cabo de mil e uma noites, a vida principiou a correr normalmente no palácio do velho rei das Arábias. Mais tarde, publicou-se um livro com as histórias das *Mil e Uma Noites*, que a senhora Sérgia ouviu ler e foi decorando e que, depois, passou a contar, atrapalhando-se muitas vezes, mas seguindo sempre em frente”.

Mais tarde, transita Adolfo Simões Müller transitou do Colégio Figueiredo para o Liceu Pedro Nunes, revelando-se sempre um aluno brilhante.

III

A DESCOBERTA DE UMA VOCAÇÃO

Chega então o curso de Medicina da Escola Politécnica de Lisboa, que o jovem Adolfo passa então a frequentar, mas que não o motiva. É nesse mesmo período que é obrigado a lecionar aos 18 anos nas Oficinas de S. José, em Lisboa. Conforme refere numa entrevista a Luís Almeida Martins para o *Jornal de Letras*, de 16 de março de 1987, “as posses da minha família não eram grandes”. Este é, seguramente, um momento marcante na vida de Adolfo Simões Müller, já que é nestas funções que contacta com crianças do ensino primário, todas elas com poucas referências literárias. Descobre então a vocação de comunicar com os jovens e a facilidade de lhes transmitir conhecimentos, inventando processos de os entreter.

A este propósito, o escritor recorda na mesma entrevista que um dos processos “consistiu em dividir a turma em dois grupos de futebol, com onze de cada lado, perfeitamente definidos como avançados, halves, backs, keeper e tal. A bola ia progredindo até ao golo, através de perguntas que se iam formulando sobre a matéria (neste caso, Ciências Naturais). Quando era golo havia uma algazarra! Este processo era ótimo porque os rapazes tinham sempre a matéria na ponta da língua, para tramarem o parceiro. Um dia, quando uma das equipas marcou golo, foi tal a barulheira que apareceu o diretor acompanhado de umas senhoras muito bem vestidas. Fiquei atrapalhado, mas lá expliquei em que consistia o jogo. Pois a verdade é que o «público» ficou para assistir e, no final, aplaudiu... Também ensinava a História de Portugal recorrendo à narração de episódios como se fossem histórias maravilhosas e os alunos aderiam entusiasmados. Assim começou, digamos, a exprimir-se a minha vocação para o contacto com a gente nova...”.

Um ano antes, em 1926, publica aquele que é o seu primeiro livro de poesia. “Asas de Ícaro: versos dos dezasseis anos”, recebendo na época rasgados elogios por parte da crítica.

Em 1927, um ano depois do golpe militar que veio interromper os primeiros tempos conturbados da República, Adolfo Simões Müller publica *Santos do meu altar*, mais um livro de poesia, a que se seguem, a partir de 1931, as primeiras obras destinadas às crianças. É o caso de *Meu Portugal, meu Gigante, Jesus Pequenino* (1934) e *Caixinha de Brinquedos* (1937). Este último título, com ilustrações de Rudy, é distinguido com o Prémio Nacional de Literatura Infantil a que se sucedem vários outros: Maria Amália Vaz de Carvalho e o do Secretariado Nacional de Informação e Turismo.

Com cerca de 30 anos, é convidado para trabalhar no jornal *Novidades* (órgão oficioso da Igreja Católica), onde passa a desempenhar as funções de redator. Ao deixar o jornal *Novidades*, torna-se redator no Secretariado de Propaganda Nacional, onde colabora com António Ferro nos trabalhos da Exposição do Mundo Português. Nesta qualidade, por exemplo, em 1940, o escritor acompanha a embaixada do Brasil às festas do duplo centenário de Portugal.

Chega o ano de 1935 e o diretor da Renascença, Lopes da Cruz, “lembrando-se da minha vocação para lidar com jovens (e eu, entretanto, tinha já publicado um livro infantil), convidou-me para fazer um jornal”, rememora Simões Müller. Nascia assim *O Papagaio*.

Em dezembro de 1950, Simões Müller integra a Comissão de Censura, no que toca à Literatura Infantil. Este é aliás um episódio que o próprio recorda na entrevista a Carlos Gonçalves, publicada no *Correio de Manhã* a 16/01/1982. Na resposta à pergunta que Adolfo Simões Müller considerou provocadora, o escritor sublinha que “nunca existiu,

quanto a mim, censura às publicações infantis e juvenis no nosso país. Pelo menos censura prévia. Havia, de facto, uma Comissão fiscalizadora (chamemos-lhe assim) que funcionava, por acaso, em instalações anexas aos Serviços de Censura. Mas, apenas, por uma questão de instalação. Cumpria-lhe, somente, observar o cumprimento das «instruções» tornadas públicas em 1950 e que, segundo me disseram, teriam sido escritas, pelo menos em parte, pelo José de Oliveira Cosme, diretor de um jornal da especialidade e, portanto, insuspeito, no seu natural desejo de defender os jornais que fazia”. Simões Müller acrescenta ainda que “foi, aliás, essa circunstância que me levou a ser nomeado para a primeira Comissão, uma espécie de instalação instaladora, porque a Empresa do *Diário de Notícias* entendeu que por uma questão de prestígio, se o diretor de uma revista concorrente – o *Mundo de Aventuras*, dirigido pelo Cosme – tinha lugar nessa Comissão, não se podia negar outro ao diretor do *Diabrete* (de que Simões Müller viria a ser diretor). Fiz parte, pois, dessa Comissão durante alguns meses. E nunca recebi, por isso, qualquer remuneração. O meu trabalho, o nosso trabalho, consistia em verificar se eram atendidas as recomendações daquele documento, que me sugerira um extenso comentário crítico”, explica o escritor na mesma entrevista concedida ao *Correio da Manhã*.

Noutra entrevista, desta vez ao *Jornal de Letras*, Simões Müller suaviza o papel da comissão que integrou, substituindo a censura pela leitura: “pertenci a uma comissão de leitura, que não era de censura e se limitava a aconselhar. Eu próprio recebi conselhos da comissão de que fazia parte. Era sobretudo o tom: para quê escrever que “Fulano foi arremessado para uma fria masmorra”, em vez de que “Fulano foi encarcerado”, ou assim?”, elucida o escritor.

Na mesma entrevista, sublinha ainda que nunca teve relações com o poder. “Vi o Salazar uma vez, mas nunca falei com ele. O Marcelo Caetano foi o único governante que manifestou algum interesse pela minha obra: quando ocorreu o quarto centenário da publicação de *Os Lusíadas*, deu instruções no sentido de uma reedição estatal do meu livro *As Aventuras do Trinca-Fortes*. Pois sabe quantos exemplares se venderam? Como diria o João Soares: zero! (Risos). Aquilo nunca foi avante. Agora, recentemente, a dr.^a Maria Barroso esteve presente no lançamento do meu livro *A Torre de D. Ramires*. E foi tudo”.

Ainda a respeito de censura, Leonardo de Sá, no seu *Dicionário Universal de Banda Desenhada – pequeno léxico disléxico*, dá conta de que “a partir da criação do nosso próprio código interno, apelidado Instruções Sobre Literatura Infantil, estabelecido em 1950”, a comissão instaladora tomou posse “a 15 de Dezembro desse ano. Constituíram-na Serras e Silva (presidente), Edmundo Curvelo, Américo Cortês, Noémia Cruz, Eduardo António Pestana, Luís Mota, Adolfo Simões Müller e José de Oliveira Cosme. Estes dois últimos eram diretores, respetivamente, das revistas *Diabrete* e *O Mundo de Aventuras*. No que dizia respeito à literatura infanto-juvenil, entre nós, a censura não tinha verdadeiros objetivos políticos, mas antes sociais. Incidia fundamentalmente sobre a representação do horror, sadismo, violência, cenas escabrosas e sobre o próprio tamanho ou corpo do texto impresso... Algumas séries foram simplesmente afastadas. Outras foram mutiladas pelos próprios editores, a fim de assegurarem a publicação”.

E quanto a pressões para que determinado conteúdo fosse alterado, terão alguma vez existido no que diz respeito às publicações infantis? Müller diz que “como diretor de um jornal, recebi uma vez um telefonema da Comissão, pedindo-me que evitasse frases como a que

aparecia numa adaptação ilustrada do romance *O Pajem de Luís XIV*, de Ponson du Terrail. A frase era, julgo eu, “masmorra húmida e lúgubre”, considerada traumatizante. A não ser que algumas pessoas bem-intencionadas quisessem ver naquilo uma referência às prisões da Pide, uma das quais visitei – para ver um amigo que, pouco depois, iria para o Tarrafal, donde regressou a minha casa...”

Simões Müller acrescenta ainda que “é curioso registar que uma das melhores publicações então recebidas na Comissão, segundo me disse um dos seus membros, era um semanário russo, parece que destinado a alguém da família do dr. Álvaro Cunhal. Esse jornalzinho, na informação de um consultor que sabia russo, era excelente e lembrava, no aspeto gráfico, no formato, nas cores, *O Papagaio*.”

Se, com este episódio, Simões Müller procura tornar claro o seu afastamento em relação ao regime salazarista, há quem considere precisamente o contrário. No *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*, Garcia Barreto (2002) defende que, “apaixonado pela História de Portugal e pelos seus heróis, Simões Müller serviu-se dela para erguer uma obra assente na divulgação desses temas junto das camadas mais jovens, numa perspetiva educativa e lúdica, mas à qual e a nosso ver, não conseguiu retirar a carga da História institucional salazarista”.

Barreto diz ainda que “a sua obra de raiz, *Meu Portugal, Meu Gigante...*, publicada em 1931 pela ENP, até pelo título denota esse olhar para dentro, acrítico e lisonjeiro. E há ainda a sua *Historiazinha de Portugal*. Neste livro, publicado em 1944, mas que em 1983 ia já na sua 6.^a edição, é desta forma que o autor define a atuação de António de Oliveira Salazar: “veio, primeiro, o período das ditaduras, com um Mussolini, um Hitler, um Franco, outros mais... E um Salazar. Este teve

erros decerto. Quem os não tem? Mas deixou muita realização grandiosa”. Seja como for, Barreto conclui, não tendo dúvidas de que “o seu trabalho é relevante para a literatura infantil portuguesa”.

Também no sítio da Casa da Leitura, da Gulbenkian (www.casadaleitura.org), Simões Müller é “reconhecido como um dos nomes mais importantes da nossa literatura nos anos 40 e 50, ainda que enfeudado a preocupações nacionalistas e comprometido com intenções moralistas flagrantes, tem numerosos títulos premiados, tendo recebido, em 1982, pelo conjunto da sua obra, o Grande Prémio da Fundação Calouste Gulbenkian”. Numa outra perspetiva, há quem ignore qualquer seguidismo ideológico e defenda, antes, uma “tendência educativa frequente nas primeiras décadas do século xx” que “é bastante evidente nos seus textos, como se verifica logo em *Meu Portugal Meu Gigante...* e em *Historiazinha de Portugal*, de 1944, que ilustram simultaneamente a linha patriótica que era uma das principais vertentes dessa tendência educativa, conforme refere Pires.

Quanto a revistas, o percurso de Simões Müller não poderia ser mais rico e teria ido mais além se tivémos em conta as palavras do próprio. Na entrevista já atrás citada ao *Correio da Manhã*, o escritor dá conta de dois sonhos: “o de um grande jornal infantil e juvenil, de organização internacional” e outro “de um jornal para os filhos dos emigrantes portugueses espalhados pelo Mundo”. Nenhuma destas duas aspirações viu a luz do dia, é certo. Contudo são reveladoras do espírito empreendedor e incansável de um homem que nasceu e viveu para a literatura infanto-juvenil, além de merecer o título de maior divulgador da banda desenhada. Em declarações prestadas ao JL, Simões Müller deixa um lamento: “agora os interesses dos jovens são outros: é a música, é a televisão, é o cinema. Quase não leem...”

IV

O PAPAGAIO E OS CONCORRENTES

É preciso recuar até ao último quartel do século XIX, mais concretamente até 1874, para descobrirmos as origens da imprensa infantil portuguesa. De acordo com Peixoto (1986), a quem se deve o trabalho *O Papagaio, revista miúda para miúdos: sua influência ao serviço da Igreja, na formação ideológico-cultural da juventude dos anos 30-40*, foi naquele ano que apareceu *O Amigo da Infância*. Da responsabilidade da Igreja Evangélica Portuguesa, esta publicação tinha como principais características o seu conteúdo pedagógico e, como não podia deixar de ser, predominantemente religioso. Além disso, conforme refere Peixoto, “*O Amigo da Infância* foi o periódico infantil de maior longevidade: 66 anos”.

Do mesmo ano data o *Recreio Infantil*, quinzenário que, no meio de muitos autores estrangeiros, incluía alguns desenhos originais de portugueses. Cessa a sua publicação três anos mais tarde, a que se segue *Ilustração da Infância*, de que saíram apenas três números.

Em 1883, é a vez de *O Jornal da Infância*, cuja maioria das suas gravuras era de origem francesa ou alemã. Merece particular destaque por incluir numerosos desenhos originais de Rafael Bordallo Pinheiro e Ribeiro Arthur. É neste jornal que encontramos *Os Macacos e os Barretes*, considerada por Peixoto “sem dúvida uma das primeiras histórias em quadradinhos portuguesas”.

Em dezembro de 1898, surge o quinzenário *Jornal das Crianças* que não ultrapassou um ano de existência.

É preciso esperar até 1903, para que surja um exemplo verdadeiramente notável de revista infantil: *O Gafanhoto*, que foi publicado em duas séries (de 1903 a 1904 e em 1910). A dirigi-lo estavam Thomaz Bordallo Pinheiro e Henrique Lopes de Mendonça (o autor da letra do hino *A Portuguesa*).

Só nos anos 20 surgem novidades no que diz respeito à imprensa infantil. 1921 marca a data do nascimento de uma publicação que ficará na história das revistas para o público infanto-juvenil. Trata-se do *ABC-zinho*, revista inovadora no campo gráfico e que teve como diretor o escritor Cottinelli Telmo. A revista contou com um vasto leque de artistas de entre os quais se destaca Stuart Carvalhais.

Em 1931 chega ao fim a aventura do *ABC-zinho*, pelo que a editora ABC o substitui, em 1933, pelo *Senhor Doutor*, considerado por muitos um grande jornal infantil, dada a sua superior qualidade, nomeadamente pelo primor da sua composição e impressão. Esta publicação conquistou logo uma larga fatia do mercado juvenil.

Nos anos 20 surgem ainda *O Bebé* (de 1923 a 1925), *O Pirilampo* (publica-se apenas um número, em junho de 1925), *A Cigarra* (de que saíram dez números), *O Pintainho* (ao longo de 1925), *O Có-có-ró-có* (de 1928 a 1929), este último da responsabilidade do *Diário de Notícias* e dirigido por António Cardoso Lopes. Teve como colaboradores Graciette Branco, Virgínia Lopes de Mendonça e Luís Ferreira.

Com o fim de *O Có-có-ró-có*, Peixoto diz que “as crianças portuguesas ficaram sem um jornal expressamente feito para elas”, razão pela qual as histórias de cowboys surgem como único alimento cultural da juventude desta época.

Em 1932, surge o *Tic Tac*, quinzenário dirigido por Cardoso Lopes que, terminado este projeto, estará na génese do emblemático *O Mosquito*.

Em 1935, sai para as bancas e ao longo de nove números *O Gaiato*, com direção de Alice Ogando e que contou com colaborações invejáveis como as de Aquilino Ribeiro, Afonso Lopes Vieira e Álvaro Cunhal, entre outros.

Peixoto grante que “tanto *O Senhor Doutor*, como *O Gaiato*, sem esquecer *O Tic Tac*, são publicações que nada devem ao regime totalitário instalado em Portugal”, logo a seguir ao 28 de maio de 1926. É neste contexto que, em 1935, surge *O Papagaio*, “aparentemente como resposta da Igreja a um mundo (o da juventude influenciada pelo laicismo do *Senhor Doutor* e do *Tic Tac*) que sentia escapar-lhe” (Peixoto, 1986).

Em 1936, como reação ao impacto inicial de *O Papagaio*, nasce *O Mosquito* (escrito e desenhado na Amadora, quase da primeira à última página, por Cardoso Lopes), que tenta captar uma fatia da clientela do *Senhor Doutor* e que sucede ao *Tic Tac*.

Explicado o contexto em que surgiu *O Papagaio*, importa determo-nos nesta publicação e acompanhar o percurso de Adolfo Simões Müller. Como referência no universo das revistas para o público infanto-juvenil e da banda desenhada nacional e europeia, *O Papagaio* está indubitavelmente ligado ao nome de Adolfo Simões Müller. É na Páscoa de 1935 (mais precisamente a 18 de abril) que surge *O Papagaio*, em “plena hora das ditaduras”, refere Peixoto. Por convite de Mons. Lopes da Cruz, à data diretor da Renascença, Simões Müller torna-se diretor de *O Papagaio. Revista miúda para miúdos*. Para o efeito, rodeia-se de nomes como António Botto, Virgínia Lopes de Mendonça e José de Lemos, entre muitos outros. A ele se deve também a participação naquele semanário de dois irmãos, Sérgio Luís e Güy Manuel, desenhadores e autores de *O Boneco Rebelde*, uma personagem de BD que preencheu as páginas de *O Papagaio*.

Num artigo assinado por Álvaro Costa de Matos (2009), dedicado a Adolfo Simões Müller, publicado na revista *Jornalismo & Jornalistas*, refere-se que, segundo António Dias de Deus, “nunca como n’O

Papagaio, se congregaram tão ilustres escritores e tão louvados artistas na síntese da revista modelo da imprensa infantil católica”. Aos nomes acima referidos, importa acrescentar os de Emília Sousa Costa, Acácio de Paiva, Denis de Ribadouro (Hilda Correia Leite), Padre Moreira das Neves, Maria Lamas, Armando Ferreira, Alice Ogando, Luís Forjaz Trigueiros, Aníbal Nazaré, Maria Archer, Aurora Jardim e Gudes de Amorim, para só citar os principais.

No campo gráfico, não pode deixar de ser referido o nome de Tom (D. Tomás José de Mello), responsável pela maquetização inicial, capas, cabeçalhos, ilustrações soltas e histórias aos quadradinhos. No lote de desenhadores, além do já citado José de Lemos, Adolfo Simões Müller rodeia-se de Margarida Müller Dias (sua sobrinha), Júlio Resende (que mais tarde enveredaria pela pintura), Arcindo Madeira, Ilberino dos Santos, Rudy (Manuel Baptista), Ruy Lupi Manso, José Viana, os já referidos irmãos Sérgio Luís e Güy Manuel, Méco (António Serra Alves Mendes), entre outros.

Facto concreto é que, de acordo com Peixoto, em Portugal, “construía-se um Estado forte, procurando-se redefinir uma identidade nacional na base dos «valores eternos e sagrados»: Deus, Pátria, Família. Salazar imprimia já a marca da sua vontade férrea em todos os domínios – servido por uma Igreja ansiosa pela recuperação dos privilégios perdidos e por um Exército domesticado e apoiado numa classe média cansada de desassossego, indiferente aos valores das democracias de quem cada vez menos se falava (e porventura inconsciente dos tenebrosos métodos da emergente PVDE)”.

Feito este retrato de Portugal, percebe-se facilmente que a propaganda, à semelhança do que acontecia na Alemanha, Itália e Espanha, ganhava força, tornando-se na arma mais eficaz para

sensibilizar a sociedade e, no caso da revista *O Papagaio*, para conquistar a juventude. Peixoto diz que “não dispondo o regime de órgão informativo juvenil próprio, e impotente para controlar publicações independentes como o *Senhor Doutor* e o *Tic Tac*, *O Papagaio* – resposta da Igreja à influência laica sobre a juventude – vem prestar ao Estado Novo um serviço extremamente eficaz (e porventura não solicitado) no espalhar das ideias, no estreitar dos horizontes culturais. Não sendo uma emanação do regime, a novel mas não inocente «revista miúda para miúdos» ajustava-se como uma luva aos seus ideais – logo penetrando em força na camada que se não podia perder: as crianças e os jovens da média e alta burguesia”.

Não obstante a bem definida orientação desta revista, Simões Müller parece ter um papel mais independente. De acordo com Peixoto, “a um lirismo deste tipo – e a um sobre-enaltecimento dos valores tradicionais, constante ao longo de toda a sua vida – aliavam-se todavia no jornal a inteligente (e aparentemente independente) orientação de Müller, com características de certo modo inovadoras no meio: para além de conseguir em poucos anos uma situação de equilíbrio a 50% quanto à inclusão de textos e gravuras portugueses e estrangeiros, *O Papagaio* exibia um bom grafismo (servido por grandes artistas nacionais como Tom, Júlio Resende, Vasco Lopes de Mendonça e Stuart de Carvalhais – este apenas episodicamente, que não era homem da Igreja), e publicava excelentes histórias em quadradinhos estrangeiras, com muito especial referência para o *Tim-Tim*, do genial Hergé.”

A ligação da personagem de Hergé a Portugal é de tal forma relevante que Boer escreveu um livro intitulado *Tintin au Portugal* (2004). Nesta obra (que não é uma banda desenhada, mas sim um relato das ligações do herói ao nosso país), o autor dá conta de que foi no dia 18

de abril de 1935 que o n.º 1 de *O Papagaio* é publicado, referindo-se à revista como sendo “monótona” até ao n.º 53, tendo em conta a predominância de histórias ilustradas e a existência de uma história portuguesa. Segundo Boer, “Adolfo Simões Müller, na altura diretor de *O Papagaio*, torcia o nariz às bandas desenhadas inglesas e norte-americanas, uma vez que não iam ao encontro da mentalidade da juventude portuguesa. Considerava que a língua e a cultura francesas tinham mais a ver com os portugueses”.

O autor de *Tintin au Portugal* explica como Tintin chegou ao nosso país: “Este religioso, Abel Varzim da Silva, mostrou a Adolfo Simões Müller alguns números do *Petit Vingtième* (o suplemento infantil belga em que nasceu o herói de Hergé) e mais em pormenor algumas pranchas do Tintin que, em 1935, já existia há seis anos. O herói da poupa já tinha vivido quatro aventuras e era já fortemente apreciado”. Acrescenta ainda que “a pedido de Adolfo Simões Müller, Varzim contactou, em fins de maio de 1935, com Hergé, para se inteirar dos direitos de publicação. Aproveitou a oportunidade para, imediatamente, assinalar que *O Papagaio* não tinha meios para pagar os direitos considerados elevados”. Por outro lado, “Hergé, que ainda não tinha experiência no domínio dos direitos para o estrangeiro, contactou a Société du Droit d’Auteur, sediada em Paris. Para o efeito, enviou alguns dos seus álbuns àquele instituto e propôs ao padre Abel Varzim de tratar do assunto com eles. Na opinião de Hergé, a quantia de 50 francos franceses por episódio (uma dupla página dos álbuns a preto e branco) era razoável”, esclarece Boer.

O autor de *Tintin au Portugal* destaca o dia 16 de abril de 1936, como data importante, uma vez que *Tintin* é publicado pela primeira vez num país não-francófono: Portugal. É por isso que o n.º 53 de *O*

Papagaio, datado de 16 de abril de 1936, ocupa um lugar de destaque na história de *Tintin*. Depois de *Tim-Tim na América do Norte*, oito outras histórias serão publicadas naquela revista para miúdos.

Importa aqui fazermos uma pausa e perguntarmo-nos por que razão Portugal foi o primeiro país não-francófono a publicar as aventuras de *Tintin*. Mérito de Adolfo Simões Müller? Boer explica que “sem dúvida que a ele se deve a proeza, mas não nos podemos esquecer de que, ao contrário do que se verifica no presente, na década de 30 do século passado, Portugal é um país consumidor de banda desenhada”. Assim, conforme referido anteriormente, o primeiro verdadeiro magazine de BD, o *ABC-zinho*, data de 1921. Uma outra publicação ainda mais popular, *O Senhor Doutor*, era um sucesso em 1933. Data de 1935 a chegada à Europa da revista americana *Mickey*, ao mesmo tempo em França, Espanha, Itália e Portugal. “Existia assim um clima propício à banda desenhada, o que se entende, uma vez mais, pelo facto de Portugal ser um país um tanto ou quanto «francófono» e de se orientar mais para a França do que para Espanha. Sem esquecer que, à data, os portugueses falavam mais francês do que castelhano ou inglês”. Boer conclui assim que, por todos estes motivos, “não é de admirar que o herói de Hergé tenha chegado tão cedo a Portugal”.

Outra das facetas de Simões Müller n’*O Papagaio* é a de adaptador de muitos clássicos da literatura universal. O autor tem, por isso, a preocupação de adaptar obras de outros autores, para as dar a conhecer às crianças, nunca esquecendo nas páginas d’ *O Papagaio* de alertar os seus leitores para a necessidade de lerem o texto original.

Simões Müller deixa *O Papagaio* numa altura em que esta publicação já atravessava dificuldades financeiras eventualmente resultantes de uma queda na tiragem, que radicava não só num certo

afrouxamento da qualidade, como ainda na crescente popularidade de *O Mosquito* e na forte implantação de *O Senhor Doutor* (Peixoto, 1986).

Para Peixoto, outro fator ditou o encerramento de *O Papagaio*: “a insistência (a contrapor ao espírito democrático e aberto de *O Senhor Doutor* e de *O Mosquito*) e o empolamento de determinados valores, fielmente alinhados pelos princípios orientadores do Estado Novo, permaneceram uma constante na vida de *O Papagaio*. Levados ao exagero inconcebível após a saída de Müller e à sua substituição pelo Dr. Artur Bivar – um homem ligado aos setores mais retrógrados da Igreja, formado na Universidade Gregoriana de Roma, polemista radical, palestrante habitual da Rádio Renascença e colaborador do jornal *Novidades* – acabaram por abrir caminho à decadência da revista e ao seu desaparecimento em 1949”.

Peixoto considera ainda “lamentável, porém, que uma publicação juvenil com tantos aspetos positivos – designadamente nos anos de Simões Müller – se tenha deixado tão marcadamente amarrar aos preceitos da ideologia dominante. Ficará assim na história da imprensa infantil portuguesa muito mais como deformadora do que como educadora. Com a preocupação de variar o grafismo das suas capas, logo no n.º 87 (1936) aparece no cabeçalho uma garbosa marcha de jovens da Mocidade Portuguesa, saudando à Hitler e (pasmese!) precedida – como as mascotes dos bombeiros – por um papagaio de passo certo, fardado a preceito e também de braço estendido! Todos construindo uma sociedade forte, crente e limpa dos miasmas do liberalismo e do comunismo” (Peixoto, 1986).

Não restam dúvidas de que *O Papagaio* tinha como alvo um público bem distinto. Peixoto acrescenta que “n’*O Papagaio*, apesar da sinceridade com que Müller trabalhava a temática infantil e juvenil –

fazendo-o como um verdadeiro profissional, e dominando perfeitamente a difícil arte de comunicar com as crianças – transpareciam à evidência, como demonstrado anteriormente, as marcas classistas. A clientela de pequenos leitores (respigada de listas de concorrentes premiados em concursos, e da secção “O que eu queria ser...”) incluía não poucos nomes sonantes de filhos de “boas famílias” que, na órbita do poder político, formava a oligarquia constituinte duma parte essencial do regime”.

Além disso, “os primeiros seis anos d’*O Papagaio* foram, com pontos altos e pontos baixos, os anos da qualidade – qualidade a que Simões Müller esteve sempre associado. A sua saída em 1941 (divergências pelos excessos ideológicos que a Igreja viria forçando?) marca o início da marcha descendente do jornal” (Peixoto, 1986). Como consequência da saída de Simões Müller, os melhores colaboradores foram saindo – alguns, solidários com Müller, tinham passado com ele para o *Diabrete*, a próxima aventura editorial do autor de *Meu Portugal*, *Meu Gigante*....

A aventura de *O Papagaio* termina a 30 de dezembro de 1949, ao fim de 720 números publicados ao longo de 14 anos de “continuada e influente barreira (a sabão azul e branco – que, além de ser português, tinha as cores da tradição) a muitas das cabecinhas que vieram a ter papel ativo na condução dos destinos da Nação. Para isso existiu *O Papagaio*”, conclui Peixoto.

V

***TIM-TIM* PORTUGUÊS**

Outro atributo de Adolfo Simões Müller é o de aportuguesar o que vinha de fora. As personagens de Hergé não foram por isso exceção. Se *Tintin* virou apenas *Tim-tim*, o seu cão Milou passou a chamar-se Rom-Rom, enquanto o Capitaine Haddock era conhecido por Capitão Rosa em terras lusas e o professeur Tournesol por cá dava pelo nome de professor Pintadinho.

Para quem conhece a versão original, as alterações dos nomes soam, no mínimo, estranhas. É o caso do *Sombra*, publicado no suplemento *Quadrinhos Especial*, do jornal *A Capital*, onde Adolfo Simões Müller é acusado de ter “batizado” o nome das personagens do “herói *Tim-Tim*”. Inclusivamente alterou a nacionalidade do português Oliveira da Figueira, personagem da história *Os Charutos do Faraó* e outras, tornando-o espanhol.

Adolfo Simões Müller considera a crítica infundada. E explica: “troquei os nomes de várias personagens do *Tim-Tim* com o consentimento dos editores e de outras histórias, não em obediência a quaisquer instruções de qualquer censura, mas porque sempre achei disparatado dar a ler aos compradores dos nossos jornais nomes que eles, muitas vezes, nem compreendem. Na adaptação do *Tintin*, comecei por substituir este nome por Tim-Tim. Na verdade, ou se lê o nome à francesa, ou então está mal escrito à portuguesa”.

Mas o caso mais caricato é do cão Milou (Adolfo Simões Müller, erradamente, diz tratar-se de uma cadela). Conforme revela na já citada entrevista ao *Correia da Manhã*, “depois fui à cadela Milou, nome de várias meninas na época e até de uma cantora de rádio muito popular, e dei-lhe a onomatopaica designação de Rom-Rom, paralela à do Tim-Tim. Capitão Haddock? Que queria isto dizer? O que era *ad hoc*, no trocadilho, para os jovens? Polícias Dupond e Dupond? Que significava

essa troca de letras finais? E assim por diante! O mesmo fiz com o tal Olivero – Oliveira, ou como era, e noutra altura até com um Müller, que algum jovem leitor poderia julgar ser eu próprio”.

A este propósito, veja-se o seguinte caso: estamos no dia 16 de janeiro de 1941. *O Papagaio* inicia a publicação de *Na Ilha Negra* (*L'île Noire*, em francês). Numa das vinhetas, *Tintin* compõe um pequeno puzzle, onde consta o nome daquele que viria a ser o mau da fita. Dr Müller é o seu nome. Acostumados ao aportuguesamento do nome das personagens, os leitores de *O Papagaio* descobrem, em vez do homónimo do diretor da “revista para miúdos”, o maléfico Silva.

Numa entrevista publicada na revista *Les Amis de Hergé*, Adolfo Simões Müller conta que não podia permitir que o inimigo de *Tintin* partilhasse consigo o mesmo apelido. Foi por isso e a seu pedido que mudaram o nome de Müller para Silva.

Mas no que diz respeito ao aportuguesamento do *Tintin* e seus companheiros, Adolfo Simões não se limitou a mudar os nomes. *Tintin*, personagem nascida em 1929 no suplemento infantil *Le Petit Vingtième*, quando chegou a Portugal, transformou-se pela mão de Adolfo Simões Müller no *Tim-tim*, o famoso repórter de *O Papagaio*. Mas há mais: *Tintin no Congo* passa a ser *Tim-tim em Angola*, havendo ainda cenas adaptadas à realidade portuguesa. Nesta aventura, publicada do dia 13 de abril a 14 de dezembro de 1939, um barco navega ao largo da Ilha de São Tomé, Tim-tim diz ao seu fiel companheiro Rom-rom: “Estamos diante da Ilha de São Tomé que é, como sabes, uma rica possessão portuguesa”. Ora acontece que na versão original *Tintin* navega, não ao largo da antiga colónia lusa, mas sim ao longo das ilhas Canárias. Quando, mais tarde, *Tim-tim* chega a Angola, ele é oficialmente repórter de *O Papagaio*. Olhando para as roupas da época, torna-se claro que o xadrês está na

moda. Repare-se no *Tim-tim* com umas calças de golfe axadrezadas. O rapaz negro chama-se *Bola de Neve*, praticamente igual a *Boule di Neige*, na versão original. Além disso, ele tem um exemplar de *O Papagaio* na mão.

Mas há mais. Em *Tim-tim na América do Norte*, aparece um camião carregado de pipas de vinho do Porto, mascaradas de bidões de gasolina. A bebida nacional substitui assim, na versão original, o whisky contrabandeado.

Salvado (2011), no seu artigo *Tintin em Portugal: 75 anos de inovações, alterações e aporuguesamentos*, dá mais exemplos. Explica que “as próprias histórias também tiveram várias adaptações à realidade portuguesa, quer por via da sensibilidade política e social (um suicídio passa a falecimento súbito, a greve dos funcionários de uma fábrica – algo proibido em Portugal – passa a paragem para almoço, o whisky de Haddock passa a água)”.

Não restam dúvidas de que Tintin contribuiu para o sucesso de *O Papagaio*. Curiosamente, quando o padre Lopes da Cruz propôs a Adolfo Simões Müller que a revista começasse a publicar as aventuras de *Tim-Tim*, o diretor esteve inicialmente contra. Apercebendo-se da qualidade do trabalho de Hergé, Simões Müller rapidamente mudou de opinião e ainda bem, já que *O Papagaio* viu rapidamente subir a sua tiragem até aos notáveis 30 mil exemplares que – taco a taco com o *Senhor Doutor* – terá atingido no seu apogeu, no fim da década de 30” (Peixoto, 1986).

A este respeito, é importante aqui referir a forma como eram pagos os direitos de autor. De acordo com o diretor de *O Papagaio*, numa entrevista ao *Jornal de Letras*, datada de 16/03/1987, “pagava-lhe em dólares ou francos, ou lá o que era (já não me lembro), mas veio a guerra e aquilo para nós era uma ninharia. Eles lá é que estavam pobres... Ora,

uma belo dia, o Hergé escreveu-me e pediu-me, se possível, o pagamento dos direitos, não em dinheiro, mas em latas de sardinhas, que se destinariam a um irmão dele (Paul Remi) que estava prisioneiro dos alemães num campo de concentração... Assim fiz”.

Nessa altura, *Tim-tim* era já uma série de sucesso. Mas qual o segredo do êxito? Simples: é que esta banda desenhada estava nos antípodas do proposto pelas homónimas americanas divulgadas em Portugal. A principal diferença residia no facto de a inteligência e o humor se sobreporem à violência gratuita. Foi assim que o *Tim-Tim* se tornou num êxito na época em Portugal, o que deu azo a situações de rapazes vestidos como o herói de Hergé, sonhando com viagens a países exóticos, acompanhados do Rom-Rom, um cão da raça fox terrier. O próprio Adolfo Simões Müller aficionou-se tanto àquele ícone da nona arte que chegou a ter um animal em tudo igual ao fiel companheiro do *Tim-Tim*, só faltando a poupa para que o diretor da revista *O Papagaio* se parecesse com o herói nascido em Bruxelas, em 1929.

Com o sucesso de Tintin em Portugal, Hergé passa a receber, a partir de julho de 1936, um cheque e alguns exemplares de *O Papagaio*. Para sua grande surpresa, o desenhador constata que os episódios da sua história estavam a cores (sem a sua concordância, mas gostou: "fiquei encantado por ver os meus desenhos aparecerem a cores", diz Hergé numa carta que enviou a 12 de maio desse ano ao padre Abel Varzim, que o contactara em maio de 1935, em nome da publicação, para negociar a divulgação das histórias de *Tintim*. Hergé descobre também que a ordem original das vinhetas fora alterada, aspeto esse que o desagradou. Boer (2004) refere que “os responsáveis pela colocação em página da história simplesmente a recortaram na íntegra e voltaram a colá-la no jornal tendo em conta o espaço disponível”. Isto é o suficiente

para Hergé reagir: “uma banda desenhada é concebida como um folhetim, de forma a, no fim de cada episódio, o leitor ficar na expectativa do capítulo seguinte, o que não é o caso”, sublinha o artista belga, aludindo-se ao trabalho dos portugueses. Hergé insistiu para que a configuração original fosse de novo retomada, mas a recomendação parece ter caído em saco roto.

Este incidente, contudo “não chegou para comprometer as relações entre o criador de Tintim e a revista portuguesa, que divulgou mais oito aventuras do herói até ao final da sua existência, em fevereiro de 1949”, refere Pessoa (2007). Acrescenta ainda que “além de efetuar a primeira publicação em quadricromia do mundo, *O Papagaio* foi também a primeira revista de um país não francófono a divulgar *Tintim*”.

A dada altura, o pai espiritual de *Tintin* recebe uma carta de Portugal. O padre Varzim informa o desenhador belga de que o *Tim-tim* (grafia portuguesa) se tornou muito popular no território lusitano. Entretanto, a redação de *O Papagaio* não teve em conta (à exceção de um ou outro caso) as observações de Hergé.

Mas algo deve ter aborrecido ainda mais o autor de *Tintin*: em mais do que uma ocasião, diferentes desenhadores ficam responsáveis, alternadamente, pela capa de *O Papagaio*. Manuel Güy, irmão de Sérgio Luís, autor do *Boneco Rebelde*, recria (ou melhor tentou recriar) um desenho com *Tintin*, Milou (Rom-Rom) e companhia, mas o resultado – pelo menos na opinião de Boer – deixa muito a desejar, o que, naturalmente, deve ter desagradado ao próprio Hergé, desenhador representante da linha clara e muito perfeccionista. Além de Manuel Güy, também Tom, Arcindo e José de Lemos, entre outros, se encarregam de desenhar o *Tintin* à sua maneira. Fazem-no “não só em diversas capas do jornal como também como personagem de corpo inteiro no início das

histórias do *Boneco Rebelde*, de Sérgio Luiz, e *Na Pista de Tim-tim*, de Rodrigues Neves e Diniz de Oliveira”, (Salvado, 2011).

No artigo *Tintin em Portugal: 75 anos de inovações, alterações e aportuguesamentos*, Salvado explica que “no início da presença de *Tintin* em Portugal as alterações e aportuguesamentos praticados sobre a obra de Hergé foram muitos, por vezes revolucionários e nem sempre permitidos”.

Em *Tintin au Portugal*, Boer dá conta do grande desejo de Adolfo Simões Müller. É o próprio que revela que “em abril de 1939, Hergé recebe uma carta do diretor de *O Papagaio*. Um plano gigantesco! Adolfo Simões Müller quer editar uma aventura de *Tintin em Portugal* (aqui sim, uma história aos quadrinhos). Ao que parece, Hergé gosta da ideia, mas quer ter algum controlo. Contacta de imediato Jean-Louis Duchemin, do Syndicat de la Propriété Artistique, com sede em Paris. Este apresenta-lhe os custos da operação a Adolfo Simões Müller. Este último deve contentar-se com 10% do preço do álbum, cabendo 40% desse montante à SPA. O projeto foi imediatamente arrumado na gaveta”, revela Boer.

Mas este não foi o único desaire de Adolfo Simões Müller. Ele foi incansável, finda a II Guerra Mundial, na aquisição dos direitos das *Aventuras de Tintin* para Portugal. Müller trava a sua última batalha pelos direitos de Tintin e perde-a. Numa carta enviada a Hergé em março de 1960, Müller pede a «intervenção» de Hergé para evitar que "outro editor português faça uma edição que eu me proponho fazer há muito tempo e sobre a qual julgo ter um indiscutível direito de prioridade".

A resposta de Hergé chega a 22 de março: Casterman, o editor belga, reconhece em Müller um "amigo da primeira hora", mas "a lógica

dita que seja utilizada a edição brasileira igualmente em Portugal" (Pessoa, 2007). Só em 1988 a editora portuguesa Verbo compra os direitos de publicação para o mercado português.

Todavia, não restam dúvidas de que Adolfo Simões Müller é a peça-chave para explicar a curiosa relação que Hergé teve com Portugal. (Pessoa, 2007)

VI

O *DIABRETE*: A AVENTURA CONTINUA

Em 1941, Adolfo Simões ainda é diretor de *O Papagaio*, mas por pouco. Existe nesta época uma grande rivalidade na cena editorial para crianças. Assim, com a competição bem acesa e em plena crise da indústria gráfica, surge nas bancas dos jornais, em 1941, “a que foi porventura a melhor revista juvenil portuguesa da época: o *Diabrete* (Peixoto, 1986).

Entretanto, é também neste ano que Simões Müller participa em *Acção Infantil*, um suplemento para crianças do semanário direitista *Acção*, dirigido por Manuel Múrias. Enquanto a Europa central e ocidental está em guerra, Hergé precisa de dinheiro e espera impacientemente o que lhe é devido em direitos de autor, enviado diretamente de Portugal. A resposta tarda, mas o autor de BD recebe, por acaso, uma carta de Adolfo Simões Müller em que este lhe comunica que quer deixar *O Papagaio*, para lançar uma nova publicação. Para essa publicação, a que dará o nome de *Diabrete*, o português quer utilizar os desenhos de Hergé. Entretanto, despede-se de *O Papagaio* a 30 de janeiro de 1941 e torna-se diretor do *Diabrete*, a convite da Administração da Empresa Nacional de Publicidade, proprietária do *Diário de Notícias*. Adolfo Simões Müller substitui assim A. Urbano de Castro. Ao tornar-se diretor, empenha-se em transformar o *Diabrete*, tornando-o “mais patriótico e conservador, mas acima de tudo num rival eficaz d’*O Mosquito*, publicação considerada na época mais incómoda e irreverente” (Peixoto, 1986).

À semelhança de *O Papagaio*, o *Diabrete* foi mais uma revista a conquistar um número considerável de seguidores, principalmente pela aposta num determinado setor da banda desenhada, onde imperavam personagens como *Tarzan*, de Burne Hogarth; *Rusty Riley*, de Frank Godwin; *Bob e Bobette*, de Willy Vandersteen, e *Quick e Flupke*

(rebatizados *Trovão e Relâmpago*), de Hergé, tendo esta publicação como público-alvo os leitores de mais tenra idade. Na área gráfica, o *Diabrete* não fica aquém dos seus rivais. Fernando Bento – a quem se dedica um capítulo neste trabalho - é desde logo o nome mais sonante, mas há outros desenhadores dignos de serem referidos. Vítor Peón, Servais Tiago, Vasco Lopes de Mendonça, Rodrigues Neves, Marcello de Moraes, Luís de Barros, San-Payo, José Manuel Soares, entre outros, asseguram os desenhos. No setor literário, além do próprio Adolfo Simões Müller, temos Maria Amélia Barça, de quem se falará mais adiante.

Com este novo projeto de Simões Müller, a lealdade de Hergé é posta à prova. Os direitos de publicação pertencem a *O Papagaio*, mas na verdade é com Adolfo Simões Müller que o pai de Tintin mais contacta. Convém não esquecer que, enquanto diretor de *O Papagaio*, Simões Müller envia regularmente víveres ao desenhador, mas também ao seu irmão, Paul, feito prisioneiro pelas tropas nazis.

Neste período, as relações de Adolfo Simões Müller com a direção de *O Papagaio* azedam-se. É que “o braço de ferro entre Varzim e Müller pelos direitos de Tintim conhece novos desenvolvimentos no início de 1943. A 25 de janeiro, Hergé recebe uma carta muito contundente de Varzim, defendendo com unhas e dentes a sua publicação: "O nosso jornal - como pode constatar - é para a elite das famílias portuguesas. O *Diabrete* não passa de um jornal para as classes menos bem, pois para poder viver vende-se a metade do preço do nosso, não tendo mesmo tentado colocar-se ao nível d'*O Papagaio*".

No início do mês de abril de 1941, a dupla *Quick et Flupke*, também da autoria de Hergé, é publicada pela primeira vez no *Diabrete*. Nessa mesma altura, o artista belga envia uma carta a Adolfo Simões

Müller, fazendo-lhe uma pergunta pertinente. É que *O Papagaio* ainda deve muito dinheiro a Hergé, mas não é por isso que mais anseia o pai de *Tintin*. Conforme Boer (2004), “a comida é muito mais importante naqueles anos de guerra. Hergé pede a Adolfo Simões Müller para este lhe enviar víveres a partir de Portugal, bem como para o seu irmão Paul, preso pelos alemães num *oflag*, um campo para oficiais. O curioso neste episódio e daquilo que se pode depreender da carta de Hergé a Adolfo Simões Müller é que o primeiro ainda não terá percebido que o segundo já não era o diretor de *O Papagaio*. Provavelmente não, reforça Boer. O certo é que, nesse ano e nos seguintes, uma grande variedade de encomendas alimentares são enviadas de Portugal para a Bélgica: sardinha enlatada, chocolate, cacau, azeitonas, atum e tabaco.

"Foi um nobre gesto da parte de Hergé", comenta Boer. Mas os pacotes de alimentos nunca chegaram ao irmão. No final do período *O Papagaio*, quando o acerto de contas foi feito, constata-se que todas as encomendas foram enviadas para o próprio Hergé. Por outras palavras, a história dos envios para o irmão tem que ser um pouco retificada" (Pessoa, 2007).

Numa altura em que *O Papagaio* já está em declínio, é *O Mosquito* que está na mó de cima. A Empresa Nacional de Publicidade, editora de vários jornais, decide criar o *Diabrete* precisamente para fazer face ao sucesso à revista que tem um inseto no cabeçalho. Adolfo Simões não é logo o primeiro diretor do *Diabrete*. Precede-o Urbano de Castro. Só no n.º 14 é que Adolfo Simões Müller toma as rédeas da revista. A criação de Hergé, *Quick et Flupke*, é a imagem de marca do *Diabrete*, já que os dois rapazes, autores de mil e uma tropelias, fazem jus ao nome da nova publicação portuguesa. Resta dizer que, nas páginas do *Diabrete*, *Quick et Flupke* dão pelo nome de *Trovão e Relâmpago*. Anos mais tarde, já em

livro, a Verbo decide chamar-lhes *Quim e Filipe*, conforme os conhecemos hoje em dia.

No período em que surge o *Diabrete*, as posições radicalizam-se, mas Hergé procura não desagradar a nenhum dos contendores (Pessoa, 2007). "É curioso ver como ele tenta encontrar uma solução que satisfaça as duas partes e manter-se amigo de ambos. Mas quando os dois querem os direitos de Tintim, isso é difícil", diz Boer (2004). De facto, só com o desaparecimento de *O Papagaio* é que *Tintim* será publicado no *Diabrete*, a partir de 1949. Finalmente Hergé podia respeitar a palavra dada a Adolfo Simões Müller. Assim, a partir de março de 1949, com *O Cepetro de Ottokar*, *O Tesouro de Rackham o Terrível* (de março de 1950 a março de 1951) e finalmente com *As Sete Bolas de Cristal* (de abril de 1951 até dezembro de 1951), *Tintin* e seus companheiros são os protagonistas da nova revista dirigida por Adolfo Simões Müller. Foi seu diretor até 1951.

Do *Diabrete* é possível dizer-se que é também um marco no panorama da imprensa infanto-juvenil. "Na sua curta vida de cinco anos, ele marcou uma posição invejável: nem classicista, nem confessional; nem piegas, nem cedendo ao estilo popularucho e fácil – o *Diabrete* soube merecer a distinção rara de ser, finalmente, um jornal facilmente aceite por todos os jovens de Portugal. Porque soube equilibradamente dirigir-se a todos – com humildade, sem triunfalismos, límpido e claro" (Peixoto, 1986).

Simões Müller qualifica esta sua passagem pelo *Diabrete* como "uma fase muito grata para mim os dez ou onze anos que durou". É nesta publicação que o escritor dá a conhecer os trabalhos de grandes artistas portugueses e espanhóis, com destaque para Jesus Blasco que o diretor do *Diabrete* considera "um grande pintor". Se *O Papagaio* deu a

conhecer o *Tintin*, ao *Diabrete* coube o papel de introduzir em Portugal outras personagens, hoje famosas, de banda desenhada: *Astérix* e *Lucky Luke* (Pires). Entretanto, “comecei a imaginar uma coisa maior e melhor”, lembra a dada altura Simões Müller, mas disso falaremos no capítulo seguinte.

Importa ainda realçar que o grande objetivo de Adolfo Simões Müller foi transformar o *Diabrete* num rival eficaz de *O Mosquito*. Minimizado *O Papagaio*, com as mortes prematuras de Sérgio Luiz e de Güy Manuel, e com o afastamento progressivo de José de Lemos, Méco, Arcindo e Ruy Manso, a tarefa ficou fácil. A personalidade de cada revista resultava, em parte, do estilo, cultura e maneira de expor, próprias de cada diretor, Raúl Correia e Adolfo Simões Müller. Mas, mais ainda, houve um estilo gráfico particular a cada publicação. Durante toda a década de 40, os dois gigantes do jornalismo infantil enfrentaram-se, mediram forças e arremessaram impiedosamente para fora do terreiro todos os minúsculos competidores. Com o dinamismo das Edições *O Mosquito* e com a potência da Empresa nacional de Publicidade, os dois contendores conseguiram coexistir e partilhar o público. Ou antes, ambos foram aceites pelo mesmo público, porque eram complementares e coerentes na sua singularidade. O *Diabrete* tinha também o diretor adequado, estando Adolfo Simões Müller perfeitamente integrado no clima de hostilidade contra os *comics* americanos e a sua violência “desmedida” (De Sá, L. & Deus, A., (1999).

VII

DO DIABRETE PARA O CAVALEIRO ANDANTE

De Adolfo Simões Müller pode dizer-se que ele é o homem que encontramos ao longo de toda a história da banda desenhada em Portugal, ao longo de 30 anos (Boer, 2004). O autor do livro “Tintin au Portugal” justifica a importância do também escritor infanto-juvenil com o facto de ele ter, no início dos anos 50 excelentes contactos com o mundo da banda desenhada franco-belga, o que lhe permitia publicar histórias aos quadrinhos bem conhecidas, como é o caso de *Michel Vaillant* e *Blake e Mortimer*.

A corroborar esta ideia está o facto de, terminada a aventura do *Diabrete*, iniciar-se a do *Cavaleiro Andante* que, no entender de Boer, é o seguimento direto da terceira aventura editorial de Adolfo Simões Müller. A última prancha de *As Sete Bolas de Cristal* foi publicada no n.º 887, a 29 de dezembro de 1951, no *Diabrete*. Logo no dia 5 de janeiro de 1952 é publicada a primeira de *O Templo do Sol*, agora no *Cavaleiro Andante*. Enquanto o *Diabrete* fica na história por, ao longo de 11 anos, ter dado a conhecer séries fundamentais, como o *Tintin*, *Tarzan* e *Secret Agent X9*, entre tantas outras, o *Cavaleiro Andante*, por sua vez, sublinha Simões Müller, “passou a estar voltado praticamente para quanto se fazia de melhor na Europa. Publicámos, além de produções de outras origens, o melhor da banda desenhada francesa e belga”. É o caso de “*O Professor Mortimer*, de E.P. Jacobs; o *Astérix*, o *Lucky Luke*, tudo isso, que foi assim pela primeira vez divulgado em Portugal”.

O *Cavaleiro Andante* é a aventura que se segue e desta publicação pode dizer-se que, na prática, o projeto editorial era o mesmo, ainda que rebatizado e rejuvenescido, e adaptado aos novos tempos. Propriedade da mesma Empresa Nacional de Publicidade, surge com o objetivo de fazer frente ao *Mundo de Aventuras*, publicação da responsabilidade da Agência Portuguesa de Revistas.

É nesta revista que colaboram nomes sonantes como os de Stuart Carvalhais, Fernando Bento, Júlio Resende, José Ruy, Vítor Péon, José Garcês, José Félix, Alberto Manez, Fernando Silva, José Manuel Soares, Artur Correia, e Baptista Mendes, entre outros. É também nesta publicação que surge o suplemento *O Pajem*, destinado às crianças mais pequenas.

A principal característica do *Cavaleiro Andante* é ter dado continuidade ao trabalho de Hergé, mas também introduziu em Portugal autores como Franco Caprioli, Edgar P. Jacobs, Boscarato, Morris e Jean Graton, entre outros.

Este lote de autores nacionais e estrangeiros fez do *Cavaleiro Andante* um jornal de referência da imprensa juvenil e a tiragem de 40 mil exemplares é, para a época, um registo extraordinário. De acordo com o autor de *Meu Portugal, Meu Gigante...*, “foi um sucesso desde que principiou”, além de que “o número um teve de ser reimpresso”.

Adolfo Simões Müller, uma vez mais, provava ser possível publicar uma revista de sucesso e, “perfeitamente integrada no clima de hostilidade contra os *comics* americanos e a sua violência desmedida” (De Sá, L. & Dias de Deus, A., 1999). A 25 de agosto de 1962 vai para as bancas o n.º 556, o último do *Cavaleiro Andante*, não resistindo à crise que abalou os jornais para os mais novos no final dos anos 50.

Volvidos 50 anos, especialmente para os mais novos já nascidos na era da internet e da televisão por cabo, é difícil perceber o impacte deste tipo de publicação na formação dos jovens portugueses da década de 60. Importa, por isso, aqui recuperar o testemunho de Jorge Magalhães, bastante revelador da importância do *Cavaleiro Andante* nos tempos livres das crianças de então: “A leitura deste seu texto sobre o *Diabrete* fez-me viajar no tempo até ao dia 5 de janeiro de 1952 (um sábado,

precisamente), em que fiquei, cheio de ansiedade, à espera que o jornaleiro que todos os dias nos trazia o *Diário de Notícias*, aparecesse também com o *Cavaleiro Andante*. Eu lia o *Diabrete* sem grande interesse, na sua última fase, e como outros rapazes não lamentei a notícia do seu desaparecimento, pois o anúncio da revista que vinha substituí-lo prometia grandes e sensacionais novidades. Ora, o jornaleiro trouxe mesmo o n.º 1 do *Cavaleiro Andante* e, nas semanas seguintes, o deslumbramento foi contínuo, sobretudo com as maravilhosas aventuras desenhadas por Franco Caprioli, que se tornou o desenhador favorito dos meus colegas de liceu, que também liam a revista e comentavam com entusiasmo o seu conteúdo. É estranho como há momentos que se tornam especiais e ficam indelevelmente gravados na nossa memória, como esse dia em que estive horas à janela da minha casa, em Lisboa, ansioso por ver aparecer o homem dos jornais ao fundo da rua. Com as voltas e reviravoltas da vida, acabei por perder esse 1.º número do *Cavaleiro Andante* e outras revistas de que fui leitor assíduo e até assinante (como *O Mosquito*), mas a sensação de expectativa e de regozijo que senti naquele sábado, há quase 60 anos, é ainda hoje tão viva como a de outros momentos especiais também ligados à banda desenhada”.

Concluindo, é legítimo dizer que os anos 50 e 60 são os melhores e os mais prolíferos da carreira de Müller, pois, com a criação do *Cavaleiro Andante*, serão publicadas em paralelo imensas edições e algumas com excelentes trabalhos. São elas: *O Pajem* (1952), como suplemento de revista mãe, *Desportos do Cavaleiro Andante* (1953), também como suplemento, *Os Números Especiais do Cavaleiro Andante e de Natal* (1953), *Os Álbuns do Cavaleiro Andante* (1954), *Vida de Jesus* (1955), *Obras-Primas Ilustradas* (1955), *João Ratão* (1956), *Andorinha* (1958), igualmente como suplemento e *Coleção Alvo* (1959).

VIII
DO FOGUETÃO PARA O ZORRO

No dia 4 de julho de 1961, é a vez de dar à estampa a revista *Foguetão*. Uma vez mais, esta é uma iniciativa de Adolfo Simões Müller. Foi publicado num curto período (de 4 de maio a 27 de julho de 1961), ou seja, treze semanas a que equivalem treze números. Neste semanário de curta vida, para além do *Tintin*, Adolfo Simões Müller conseguiu juntar ícones da BD como *Michel Tanguy*, *Gaston Lagaffe*, *Astérix* e *Blake e Mortimer*. O formato A3 parece ter determinado o fim prematuro daquele que era o «Semanaário juvenil para o ano 2000». Esta seria, na opinião do próprio, a sua última “experiência fascinante” e “o jornal mais giro de todos, mas esse não teve êxito...”

Numa entrevista ao *Correio da Manhã*, o escritor não tem dúvidas de que este foi “o melhor jornal juvenil por mim imaginado”. No caso desta publicação, apesar de contar com autores conceituados estrangeiros como Uderzo, Frank Hampson ou Edgar P. Jacobs, os desenhadores portugueses resumiram-se a Fernando Bento e a José Garcês. Adolfo Simões Müller regressa, entretanto, ao *Cavaleiro Andante*, mas por pouco tempo, uma vez que dá início a um novo periódico chamado *Zorro*, num formato pequeno, depois do fracasso do gigante *Foguetão*. “Era muito grande e os miúdos queriam todos um jornal pequeno, que pudessem esconder entre os livros da escola”, reconheceu um dia Adolfo Simões Müller. Outra particularidade desta publicação foi ter dado a conhecer aos leitores portugueses *Tintin no Tibete* em francês, aparecendo em rodapé as legendas em português. O *Foguetão* incluiu ainda no seu interior um suplemento intitulado “Bip-Bip” criado graficamente por Fernando Bento e que mais tarde transitaria para o *Cavaleiro Andante*.

O *Zorro*, a aventura seguinte de Adolfo Simões Müller durou quatro anos. De 1962 até 1966, foram publicadas as aventuras de heróis

como *Marc Dacier*, *Lucky Luke* e *Buck Danny*. Como não podia deixar de ser, *Tintin* também deu um ar da sua graça nesta revista, dando a conhecer aos portugueses *As Jóias da Prima-Dona* (*Les Bijoux de la Castafiore*, no título original). É nesta publicação que Adolfo Simões Müller introduz outra série de Hergé ao público lusitano. *Jo et Zette* (*Joana, João e o Macaco Simão*, em português). Desta forma, Adolfo Simões dá a conhecer todas as personagens criadas pelo desenhador belga. Quanto à revista *Zorro*, terminou no dia em que foi publicada a última página de *A Erupção do Karamako*, a terceira de cinco aventuras de *Joana, João e o Macaco Simão*.

Entretanto, antes de depois do aparecimento do *Foguetão*, Adolfo Simões Müller não ficou de braços cruzados. Dirigiu outras revistas e jornais para crianças, ou suplementos infantis de jornais, como é o caso dos *Quadrinhos*, parte integrante do jornal *A Capital*, ou a *Nau Catrineta* (1963) incluída no *Diário de Notícias* e que se publicará até finais de setembro de 1975. A partir daqui, Adolfo Simões Müller nunca mais voltará a exercer as funções de diretor de revistas infantis.

Nesta fase, importa perguntar porque mudava Adolfo Simões Müller continuamente de revista? Boer (2004) aventa a possibilidade de existir uma razão financeira. Segundo este autor, “o auge de uma revista com fases de construção e de consolidação é seguido por uma estabilização e, de seguida, por uma baixa do número de assinantes”. Assim, “pode dizer-se que Adolfo Simões Müller procurou aplicar conscientemente esta equação. Tendo em conta a sua experiência, cedo percebeu que os leitores queriam algo novo ao fim de dez ou quinze anos. A revista de banda desenhada tem uma duração de vida limitada, pelo que, periodicamente, é preciso escolher uma nova fórmula: novas histórias aos quadrinhos, um novo formato com uma nova paginação”.

Boer (2004) não tem dúvidas: Adolfo Simões Müller tem um papel fundamental na história da banda desenhada em Portugal. “Para nós, apreciadores da obra de Hergé, as revistas *O Papagaio*, *Diabrete* e *Cavaleiro Andante* são naturalmente os pontos culminantes e incontestáveis da história da banda desenhada portuguesa”.

A Adolfo Simões Müller deve-se a apresentação da obra de Hergé ao público português através dos periódicos atrás referidos. Contudo, nem tudo correu bem nesta sua relação com o *Tintin*. Adolfo Simões Müller tentou em vão conseguir os direitos para a publicação dos álbuns, mas o mercado brasileiro, bem mais apetecível para a editora belga Casterman, inviabilizou o sonho de vermos as aventuras do herói de Hergé faladas no português europeu.

Numa entrevista intitulada *J'ai payé Hergé en boîtes de sardines*, Adolfo Simões Müller diz a este propósito que “sabe que há uma grande invasão de publicações brasileiras, o que é desastroso. As nossas crianças consomem muitas delas, o que é pena... no que me toca, sempre me esforcei para adaptar, com o maior escrúpulo, os textos num português correto e falante, com os nossos provérbios e as frases todas feitas”. A este respeito, Boléo dá-nos mais alguns pormenores: “o Sr. Simões Müller quis publicar as aventuras de *Tintin* em álbum. Infelizmente, os direitos para a língua portuguesa tinham sido cedidas ao... Brasil. O que explica a falta de qualidade das traduções. Só em 1988, um ano antes da morte de Adolfo Simões Müller, os álbuns são finalmente editados em Portugal. 52 anos depois do *Tintin* ter aparecido nas páginas de *O Papagaio*”.

XIX
MÜLLER E HERGÉ

Este é um capítulo que interessa desenvolver, já que é revelador da relação entre estes dois homens da literatura e com tanto em comum. Hergé e Adolfo Simões Müller trocaram várias cartas. João Paulo Paiva Boléo, grande apreciador de toda a obra do autor de *Tintin*, deu conta, na revista *Les Amis de Hergé*, de junho de 1989, de duas cartas do belga ao português, escritas no período conturbado da Segunda Guerra Mundial. Na primeira, datada de junho de 1940, Hergé pede “um grande favor” a Adolfo Simões Müller. Explica que “como tantos outros, infelizmente, tive de fugir da Bélgica e refugiar-me em França”.

Dá conta ainda de que os seus pais “infelizmente, não conseguiram sair de Bruxelas”. “Estou naturalmente sem nenhuma notícia deles há cerca de um mês”. O criador de *Tintin* pede por isso para que Adolfo Simões Müller escreva ao seu pai, Alexis Remi, para que o informe que “a minha cunhada, a sua neta, a minha mulher e eu próprio estamos em segurança e que todos nós nos encontramos de boa saúde”.

Explica ainda que, “como tivemos de fugir precipitadamente, disponho apenas de poucos recursos. Ficar-lhe-ia reconhecido se pudesse fazer-me chegar, direta ou indiretamente, o montante dos direitos relativos a *Tintin em Angola* e a *A Orelha Quebrada*, direitos que o Syndicat de la Propriété Artistique, em Paris, disse-me não me terem ainda sido atribuídos”.

Na segunda missiva, enviada de Bruxelas e com data de 8 de setembro de 1941, Hergé informa Adolfo Simões Müller de que acaba de receber uma carta do seu irmão, Paul Remi, em que este último lhe diz que “recebeu bem uma encomenda expedida pelos seus bons cuidados e que me encarrega de lhe transmitir os seus mais vivos agradecimentos, o que faço com prazer, juntando também os meus”.

Mais adiante, Hergé dá conta de cartas anteriores em que acusava receção de várias pequenas encomendas (duas de bolachas, uma de café, uma de cacau, uma de chocolate, uma de açúcar e uma de charcutaria) que foram “bem-vindas”. O desenhador belga pede ainda, se tal ainda for possível, para dar continuidade a estes envios “que nos são bem preciosos”.

No n.º 8 da revista *Les Amis de Hergé*, de dezembro de 1988, na entrevista intitulada: *Adolfo Simões Müller: “J’ai payé Hergé en boîtes de sardines” (Paguei ao Hergé com latas de sardinha)*, o escritor português desmente que os direitos de publicação das histórias de Hergé eram elevados.

Depois de trocadas várias cartas, os dois tornaram-se amigos. Adolfo Simões Müller esclarece que “depois disto, encontrei-me com o Hergé e iniciámos uma relação pessoal. Sempre me mantive um “cliente” das produções franco-belgas de grande qualidade”, remata o escritor.

Na entrevista a Luís Almeida Martins, publicada no *Jornal de Letras*, Adolfo Simões Müller é categórico em afirmar que “o Hergé, para mim, é a maior figura da banda desenhada. E fiquei sempre n’*O Papagaio* e nos jornais que se lhe seguiram, com o exclusivo do *Tintin*. E sempre com o maior êxito!”

X

MARIA AMÉLIA BÁRCIA:

BRAÇO DIREITO DE ADOLFO SIMÕES MÜLLER

Maria Amélia Bárcia (1913-1976) é um daqueles nomes esquecidos da literatura infanto-juvenil que está ligado ao de Simões Müller, pois com ele colaborou, “com a maior assiduidade, desde 1941”, esclarece o escritor. Dela, recorda que “escrevia com extrema elegância, com muita graciosidade e – o que nem sempre sucede com os grandes escritores – com a maior facilidade. Traduzia com absoluta correção textos franceses, ingleses, espanhóis e italianos. Levava a sua habilidade ao ponto de, por vezes, imitar a minha maneira de escrever, o meu pobre «estilo», de modo que algumas coisas publicadas nesses jornais, sem qualquer assinatura, passavam frequentemente por ser da minha autoria quando tinham saído da imaginação e da pena de Maria Amélia Bárcia”. Simões Müller acrescenta ainda que “insisti numerosas vezes com ela para que escrevesse um livro. Sempre modesta, respondia-me apenas: para quê? E voltava ao seu trabalho, incansável e perfeito. Perdi, com a morte dela, uma extraordinária colaboradora. E o país só não perdeu uma grande escritora – maior do que muitos que por aí são incensados – porque nunca a chegara a ganhar, escondida, como ela queria viver, no mais completo anonimato”. Em 1982, na entrevista ao *Correio da Manhã*, o escritor presta-lhe homenagem, deixando-lhe “palavras de agradecimento” e “também um pedido aos jovens de então, que hoje são homens e mulheres de 40 ou mais anos: fixem o nome de Maria Amélia Bárcia como o de uma mulher que muito trabalhou para eles, escrevendo páginas belíssimas para a infância e para a juventude. Talvez um dia eu procure recolhê-las”. Infelizmente, Simões Müller nunca chegou a fazê-lo. Ela fica também “para sempre associada à autoria dos argumentos resultantes das adaptações literárias dos romances que estiveram na origem de muitas das mais belas páginas de Fernando Bento” (Boléo, 2010), embora neste ponto, seja difícil, muitas vezes, determinar quem é

autor (apenas o desenhador era identificado). A própria, Fernando Bento ou Simões Müller? “Provavelmente os três, em formas e graus diversos”, elucida Boléo. O mesmo investigador, no seu livro *E Tudo Fernando Bento Levou*, dedica um capítulo ao assunto, com o título *O mistério dos autores dos textos*. Boléo esclarece que “uma coisa parece certa. Enquanto a autoria das adaptações e dos argumentos das histórias realistas na sua maioria não serão de Fernando Bento, inversamente, ainda que com exceções, a maioria das histórias infantis e humorísticas já serão suas, o que lhes dá um cariz muito mais pessoal, embora, se forem acompanhadas de versos, de quadras, o mais provável é serem de Simões Müller ou Maria Amélia Bárcia”. Boléo prossegue o seu estudo acerca deste trio. No caso de Maria Amélia Bárcia, ele reconhece que “o seu papel é mais difícil de determinar”. Dela diz que “fazia parte do corpo redatorial e era colaboradora de Müller, o seu «braço direito», sendo apresentada no *Cavaleiro Andante* como Secretária da Redação. Embora as suas funções fossem diversificadas, é um facto que também tem colaboração nas revistas, nomeadamente poemas e alguns argumentos creditados. A sua relevância omitida tem sido sublinhada por alguns estudiosos, chamando justamente a atenção para um protagonista cujo papel, mesmo que impossível de delimitar e quantificar, foi certamente relevante”. Menezes (2010), em *Diabrete: o grande camaradão de todos os sábados*, adianta que “poucas vezes assinou os seus trabalhos, de verso, de texto ou de tradução, havendo por isso dúvidas em relação à autoria de muitos artigos. É muito provável que o texto das séries cómicas de Bento seja seu. Pelo menos as ilustrações dos clássicos ilustrados por este, são da sua autoria. Assim assegurou pessoalmente o desenhador ao Arq.º Pinto da Silva”.

XI

O AMIGO FERNANDO BENTO

Fernando Bento (1910-1996) e Simões Müller fizeram, juntos, uma longa caminhada. É seguramente um dos melhores desenhadores nascidos em Portugal. Ambos trabalharam juntos ao longo de várias décadas, assinando conjuntamente um grande leque de obras. É um autodidata e detentor de uma bibliografia portuguesa mais vasta do que Eduardo Teixeira Coelho, outro nome incontornável da BD portuguesa (Pessoa, 2005). Bento iniciou o seu percurso no mundo teatral e desportivo no início dos anos 30 com caricaturas, ilustrações e cartunes. Contacta pela primeira vez com a 9.^a Arte em 1938, na *Secção Infantil* do jornal *República*. Jorge Magalhães, num texto de apresentação do desenhador incluído na BD *As Mil e Uma Noites*, da autoria de Bento e argumento de Simões Müller, refere que “não é fácil fazer um balanço da carreira artística” daquele desenhador. “Ilustrador, figurinista, desenhador de histórias aos quadrinhos, caricaturista, cenógrafo, pintor, publicitário, em todas essas facetas se revela a sua extraordinária capacidade criativa”.

“No domínio da BD, a obra que realizou, entre 1938 e 1973, é uma das mais extensas e notáveis, embora tivesse optado por uma profissão mais segura que a de desenhador, ficando o labor artístico limitado aos serões e a outros tempos livres” (Magalhães, 1990). Ele dá conta de que Bento, “em Lisboa, teve a sorte de assistir, desde tenra idade, aos espetáculos do Coliseu dos Recreios, onde seu pai era funcionário”. É desta forma que “o feérico mundo do circo e do music-hall, cheio de luz, de cor e de movimento, impressionou profundamente o seu espírito, moldando os sonhos a que a sua mão predestinada iria, futuramente, dar expressão gráfica”. É um artista sem escola e sem currículo. Pelo menos, tirou, aos 19 anos, um curso por correspondência na École ABC de Dessin, de Paris, em que aprendeu a desenhar de memória, sem utilizar

modelos. Desta forma, “o seu talento não tardou a abrir-lhe as portas dos jornais e do teatro de revista, onde impôs um estilo novo, caracterizado pelo arrojo, a fantasia e a liberdade criativa. Aos 25 anos, a crítica teceu-lhe rasgados elogios pelo seu trabalho de figurinista em duas revistas do Coliseu dos Recreios, *O Fim do Mundo* e *A Última Maravilha*, citando o seu nome a par do das principais vedetas do espetáculo”. Jorge Magalhães, no mesmo texto, não tem dúvidas de que “nenhum palco era suficientemente grande para conter o seu talento. Só o encontro com o mundo dos quadrinhos lhe proporcionaria a verdadeira plenitude artística”. O passo decisivo na carreira deste desenhador regista-se quando começa a desenhar os argumentos de Simões Müller e Maria Amélia Bárcia, no *Diabrete* e, mais tarde, no *Cavaleiro Andante*, assim como em adaptações de escritores como Arthur Conan Doyle e Louis Stevenson. À medida que cria para o *Diabrete*, Bento aposta sobretudo no registo realista, abandonando a pouco e pouco a vertente de humor.

No que diz respeito ao *Diabrete*, desempenhou “com a sua honestidade e com a graciosidade do seu traço, um papel fundamental” e “fizeram provavelmente do *Diabrete* o mais adulto, sério e inteligente dos jornais infantis até hoje produzidos em Portugal” (Peixoto, 1986). É no *Diabrete* que Bento se destaca como um dos maiores e melhores expoentes no campo da BD nacional. Colaborou naquela revista desde o seu n.º 1, sendo ele o autor de toda a sua parte gráfica. Este incansável e extraordinário desenhador seria uma ajuda preciosa e decisiva para Müller poder alcançar um grande êxito para a revista *Diabrete* e para os seus livros futuramente. Assim, o *Diabrete* constituiu o espaço ideal para que Bento mostrasse uma panóplia extensa de trabalhos, uma vez que, desde o cabeçalho, às cercaduras e as próprias histórias de banda desenhada, além de ilustrações, a maior parte era da sua autoria. Marca

também de forma decisiva o *Cavaleiro Andante*, uma vez mais ao lado de Simões Müller. É para estas duas revistas que “realizará a maior parte das suas obras-primas e dos seus melhores trabalhos narrativos” (Boléo, 2010). O seu trabalho nestas duas publicações “constituirá, em termos globais, pelas obras e pela intervenção gráfica, o que se poderá considerar o seu projeto mais importante e a marca maior que deixou na BD portuguesa”, remata o mesmo investigador no livro que dedicou ao desenhador. Fica na história da literatura infantil por ter ilustrado pequenas obras-primas escritas por Simões Müller, como é o caso de *A Última História de Xerazade* (1944), *Dona Maria de Trazer Por Casa* (Teatrinho Infantil) (1947) e *As Mil e Uma Noites* (1948), sendo esta última edição totalmente apresentada em banda desenhada.

Da passagem pelo *Diabrete*, Simões Müller recorda que “o Fernando Bento acompanhou-me sempre e aquilo serviu de escola a outros mais novos, como o José Ruy ou o José Garcês, o que para mim foi muito grato”. Na entrevista publicada no *JL*, o autor de *Dona de Trazer por Casa* não perde a oportunidade de tecer os mais rasgados elogios a Bento, considerando-o “um grande artista, a quem nunca foi prestada a homenagem que merece”. No mesmo texto, Simões Müller explica como trabalhavam: “eu fazia os guiões, indicando as situações e os diálogos e ele recriava-os”. Depois da sua passagem pelo *Cavaleiro Andante*, em 1962, Bento só voltou temporariamente à BD em 1973, quando publicou no vespertino *A Capital* a história “Um Campeão chamado Joaquim Agostinho”. Foi distinguido com um prémio em 1983 pelo Clube Português de BD. Num artigo publicado há muitos anos, na *Flama*, J. Montesdeoca deu a Bento o epíteto de “o grande mago do sonho”.

XII
O HOMEM DA RÁDIO

O ano de 1941 é marcante na vida de Adolfo Simões Müller. Não só transita de *O Papagaio* para o *Diabrete*, como também vai para a Emissora Nacional, ao mesmo tempo que deixa o Secretariado Nacional de Informação e transita para a Emissora Nacional, onde passa a desempenhar várias funções nos serviços literários que chegou a chefiar durante alguns anos.

Estamos nos anos 40. Estes são definitivamente os dias de glória da Rádio. Ela instalou-se nos lares dos portugueses em lugares de honra, como as salas de estar. Era uma companhia e uma fonte de entretenimento. Durante décadas os serões das cidades passavam-se à sua volta. Foi uma necessidade do tempo da Segunda Guerra Mundial tornada hábito nos anos posteriores ao conflito mundial. Entretanto, gradualmente, a informação, os noticiários e os programas políticos diminuíram na década de cinquenta para dar lugar ao espetáculo radiofónico realizado por gente do teatro e do cinema, nele colaborando pessoas das artes em geral, com especial predominância de jornalistas habituados a escrever rábulas para o teatro de revista, argumentos de cinema e folhetos de publicidade.

A década de 40 foi cenário de um extraordinário esforço da Emissora Nacional (percursora da Rádio Difusão Portuguesa). Neste período áureo da história da Rádio, são de salientar as reportagens das celebrações dos Oito Séculos da Nacionalidade, do grande ciclone que assolou o país e da campanha de auxílio aos sinistrados; o programa, realizado com a colaboração do *Diário de Notícias*, intitulado "Salvemos as crianças vitimas da guerra"; a cobertura atenta das várias fases do conflito mundial, através de um serviço noticioso constituído por profissionais da Imprensa; a criação de rubricas que ganharam grande impacto popular, como o *Folhetim Radiofónico*, o *Rádio-Teatro* e o

Domingo Sonoro, este último com os inesquecíveis diálogos de Aníbal Nazaré e Nelson de Barros, *Zéquinha e Lélé*, interpretados por Vasco Santana e Irene Velez. É neste contexto que Adolfo Simões Müller também deixa a sua marca.

Juntamente com Silva Dias, Silva Tavares, Pedro de Moura e Sá, Carlos Queiroz, Luís Reis Santos, Gustavo Fraga, Isidro Aranha, José Augusto, Francisco Matta, António Correia de Oliveira, Jorge Barradas, Ferreira de Castro, Almada Negreiros, Júlio Dantas, Vitorino Nemésio, José Hermano Saraiva, Aquilino Ribeiro e Ester de Lemos, para só citar os principais, Adolfo Simões Müller cria para aquela estação radiofónica programas como o *Domingo Sonoro*, *Rádio-Teatro* e *Vozes do Mundo*. A ele se deve a autoria do primeiro folhetim radiofónico português: uma adaptação d'*As Pupilas do Sr. Reitor*, de Júlio Dinis. Escreveu mais de uma centena de programas infantis para a rádio, além de ter assinado várias peças de teatro infantil, representadas no Teatro Monumental e por companhias de amadores, algumas interpretadas por fantoches e outras transmitidas pela Televisão.

Nesta área, não restam dúvidas de que a rádio popularizou o nome de Adolfo Simões Müller, como realizador de programas, a par de outros como Olavo d'Eça Leal, Francisco Mata, Aníbal Nazaré e Nelson de Barros. Num patamar paralelo estavam locutores como Fernando Pessa, Jorge Alves, João da Câmara, Pedro Moutinho, Artur Agostinho e Maria Leonor.

XIII

PRODUÇÃO LITERÁRIA INTENSIFICA-SE

Simões Müller escreveu um número considerável de obras, nomeadamente para crianças e jovens, o que lhe valeu o epíteto de «Mestre da Literatura Infantil». Por duas vezes consecutivas, em 1939 e 1940, conquista o «Amaranto de Ouro», 1.º prémio de «poesia nacionalista», num dos jogos florais promovidos pela Emissora Nacional. A tudo isto, o escritor arrecadou diversas menções honrosas, em 1937 (*Caixinha de Brinquedos* recebeu o Prémio Nacional de Literatura Infantil, o Prémio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho).

Capelas Perfeitas, publicado em 1940, obtém o Prémio Camões. Em 1942, *O Feiticeiro da Cabana Azul* recebe o Prémio Nacional de Literatura Infantil, o Prémio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho; em 1945 e 1972 recebeu de novo o Prémio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho, respetivamente pelos livros *A Pedra Mágica e a Princesinha Doente*, *Marie Curie e a Sua Descoberta* e *A Primeira Volta ao Mundo: a Vida de Fernão de Magalhães e a Sua Viagem de Circum-Navegação*. Em 1971, é-lhe atribuído o Prémio de Literatura Infantil e juvenil da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, pela obra *A Primeira Volta ao Mundo*. Em 1982 recebe o Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças, pelo conjunto da obra, *ex aequo* com o seu ilustrador José de Lemos

Foi galardoado com a Ordem do Império Britânico e com a Ordem do Cruzeiro do Sul. Em 1985, o Rotary Clube Lisboa-Benfica presta-lhe homenagem, considerando-o “o maior amigo dos jovens de Portugal”.

No que toca à produção literária, notabiliza-se com a coleção *Gente Grande para Gente Pequena*, que inclui biografias de personalidades que marcaram grandes momentos da História Universal e de Portugal. É o

caso dos livros que têm como protagonistas a cientista Marie Curie, Robert Scott, Thomas Edison, Gago Coutinho, Richard Wagner, Gutenberg, Florence Nightingale, D. Henrique, Cervantes, Serpa Pinto, Marco Polo, Fernão de Magalhães e Baden Powell. *Aventuras do Trinca-Fortes* é o livro que tem Luís Vaz de Camões como protagonista. É o terceiro publicado na coleção de biografias. Trata-se, neste caso, de uma biografia camoniana, ilustrada por Júlio Resende, com caráter pedagógico, pois encontra-se estruturada em capítulos sobre aventuras do nosso poeta ao longo da vida, o que ajuda a compreensão da personagem no que ela tem de multifacetado.

Tratando-se de biografias, estes livros obrigaram o autor a um exaustivo trabalho de pesquisa. Nesta série de livros, produzidos à média de um título por ano, está bem patente a preocupação de Simões Müller em ensinar ao mesmo tempo que distrai o jovem leitor. A este propósito, Alice Vieira é peremptória em afirmar que “em Adolfo Simões Müller ainda se encontra muito (...) a preocupação pedagógica. Os livros, numa época em que a escola não era o que é hoje, funcionava como, digamos, a extensão da escola: a escola não ensinava tudo, a escola ensinava pouco. Se calhar, havia muito menos tempo de aulas, e era preciso que os livros dessem alguma cultura às crianças, dessem mais sabedoria para as crianças serem cidadãos de corpo inteiro, cidadãos que pudessem depois trabalhar”. Por outro lado, a escritora cita os exemplos de *Através do Continente Misterioso*, de 1962; *Uma Primeira Volta ao Mundo*, de 1971; e *Tejo – Rio Universal e Douro, Rio das Mil Aventuras*, “livros mais dirigidos às viagens”. Em relação a esta obra, Vieira (2004) realça a preocupação de Adolfo Simões Müller em “para lá das pessoas”, ele querer que o livro também incluía “os monumentos, as batalhas, as inundações, as desgraças, os filhos mais conhecidos que tinham nascido

por aquelas margens”. A escritora acrescenta que este é “um livro que é praticamente um manual, pois temos ali a geografia, a história, a imaginação e temos a criatividade; está tudo ali, e é um livro pequeno”. Por outro lado, de acordo com Maria da Natividade Pires, em *Biblos-Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, também as “biografias [...] são, aliás, outra forma de os seus textos desempenharem uma função didática [...]. O mesmo acontece com as adaptações que fez de obras importantes na história da literatura portuguesa, e não só, como *Os Lusíadas de Luís de Camões Contados aos Jovens* (1979); *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (1980); *As Viagens de Gulliver*, de Swift (1983)”. Adolfo Simões Müller adapta ainda *A Morgadinha dos Canaviais* e *As Pupilas do Senhor Reitor*, do Júlio Dinis; *O Natal do Avaro*, de Charles Dickens e *As Mil e Uma Noites* para BD. No que diz respeito às adaptações, Alice Vieira recorda que uma obra em particular Adolfo Simões Müller teria “fatalmente de adaptar”. *Miguel Strogoff* é o título em causa, porque “um exemplar lindíssimo do livro de Júlio Verne foi a prenda que o pai lhe deu quando fez a quarta classe e ficou distinto. Era no tempo em que os meninos faziam a quarta classe, ficavam distintos e no tempo em que os meninos gostavam muito que lhes dessem livros! Para ele foi um dia inesquecível, por todas essas razões!” (Vieira). A este propósito, é legítimo perguntar se a existência de uma adaptação não afasta o leitor da obra original. Simões Müller – já o vimos neste trabalho – depois de lida a sua adaptação, recomendava sempre a leitura do livro em que se baseara. Fanha (2011) socorreu-se de Simões Müller para defender as adaptações de clássicos da literatura, em detrimento dos resumos: “Não sou fundamentalista. E creio que alguns autores fazem adaptações de grandes obras com muito saber, respeito pelo original, e encanto. Maria Alberta Menéres fez algumas adaptações

respeitabilíssimas. Andando mais para trás no tempo, poderemos citar outros casos, entre os quais o de Simões Müller. Mas esses autores amavam a obra que adaptaram. Não a transformaram em pastilha elástica. Mas tenhamos em conta a diferença entre «adaptar» e «resumir» ou caricaturar. O fundamental é aprender a gostar e não aprender a mastigar e deitar fora rapidamente”.

No que diz respeito à coleção *Gente Grande para Gente Pequena*, Simões Müller, conforme relata numa entrevista ao *Correio da Manhã*, de 16/01/1982, teve como princípios de critério de escolha o seguinte: “primeiro, os heróis portugueses só apareceram naquela coleção, porque antes de serem portugueses, foram grandes cidadãos do Mundo; segundo, os guerreiros e os conquistadores, fosse qual fosse a bandeira que os conduzisse, não teriam lugar na coleção, em que eu pretendia dar à juventude a visão dos heróis que uniram o Mundo e não daqueles que, embora em nome de belas causas, o dividiram e ensanguentaram”, o que muito abona em favor de Simões Müller, enquanto pedagogo e humanista.

Por tudo isto, além de extensa, a produção literária de Simões Müller é considerada de grande qualidade, tendo inclusivamente granjeado reconhecimento internacional, nomeadamente pelo facto de algumas das suas obras terem sido traduzidas para castelhano.

XIV

ADOLFO SIMÕES MÜLLER E A BANDA DESENHADA

Difícil seria acreditarmos que, inicialmente, Simões Müller quase não se interessasse pela banda desenhada. Mas a verdade é que assim foi. Na época, os argumentos apresentados por todos os educadores eram que a criança se desabituava da leitura, não raciocinava, não desenvolvia a sua imaginação e o seu intelecto natural, etc. Por outro lado, as histórias aos quadrinhos (HQ) que se publicavam nessa altura, segundo Müller, “estavam longe de ser famosas e davam uma certa razão aos que, não conhecendo outros trabalhos, condenavam a 9.^a arte”.

Müller é a “voz de uma geração entusiasticamente empenhada na divulgação dessa forma de arte”, conforme Luís Almeida Martins refere na introdução à entrevista que fez ao autor *de Portugal, Meu Gigante...* O seu nome junta-se a tantos outros que “devotaram, integralmente ou em grande parte, a sua atividade pública à divulgação editorial da banda desenhada”, acrescenta o jornalista do *Jornal de Letras*. Raul Correia, Cardoso Lopes, José de Oliveira Cosme, Baptista Rosa e Roussado Pinto juntam-se a Simões Müller na promoção e defesa das histórias aos quadrinhos. Embora não desenhasse, Simões Müller está indissociavelmente ligado às HQ. Numa entrevista ao jornal *A Capital*, é desta forma que ele define a banda desenhada: “é a televisão numa folha de papel. Hoje em dia, não se pode dispensar este meio de comunicação que aparentemente tem inconvenientes por as pessoas passarem a ler menos, mas que, por outro lado, apresenta as vantagens de uma leitura rápida. Usa-se como auxiliar do ensino, é um fenómeno da nossa época em que os homens vivem cheios de pressa”. E acrescenta ainda que “a narração pela imagem não deixa de constituir um exercício salutar para o espírito de observação do jovem leitor. Mas espera-se que esta coleção estimule o gosto pela leitura e leve os rapazes a quererem conhecer na íntegra as obras que lhes são apresentadas pelo *Cavaleiro Andante*”.

Na entrevista ao *Correio da Manhã*, datada de 16/01/1982, Adolfo Simões Müller recorda a Carlos Gonçalves que em 1935, ano em que se iniciou a publicação de *O Papagaio*, “o primeiro passo em frente na senda da banda desenhada é dado pel’*O Papagaio*, quando no n.º 22, salvo erro, iniciei a publicação da história “Aventureiros de palmo e meio”; julgo que dinamarquesa e que eu adaptei livremente”. Quando lhe é pedida uma opinião sobre a banda desenhada, Simões Müller responde que “é um meio de expressão, um fenómeno que, como disse em tempos numa palestra que fiz sobre o assunto num clube rotário, considero absolutamente irreversível. Desejo, no entanto, que, à semelhança daquela frase que eu costumava fazer inserir nas adaptações em quadrinhos de obras célebres – “esta adaptação é um resumo do livro tal e tal, que não devem deixar de ler na íntegra” -, também as publicações, os fanzines, de apologia da banda desenhada, aconselhem os seus leitores igualmente a lerem os bons livros. Se nos deixarmos dominar totalmente pela TV, pela Rádio, pelo Cinema e pela BD, teremos uma civilização caracterizadamente audiovisual em que ao livro caberá um papel de menor importância. Por mim, porque sou apenas escritor, deixem-me esperar que, sem prejuízo dos outros meios de expressão, entre os quais a banda desenhada, o livro continuará a ser, e com o livro naturalmente os jornais, a forma ideal de o homem registar a história, os seus problemas, as suas vitórias, os seus sonhos, a sua fé”. A certa altura, já não restavam dúvidas. Com o êxito do *Cavaleiro Andante* – é o próprio Simões Müller que o sublinha –, “a BD ocupava já então um lugar do maior relevo e posso lembrar-lhe que, além do *Tintin* (e das outras obras de Hergé), tive o prazer de “descobrir” e lançar em Portugal obras como as de Caprioli, Goscinny-Uderzo, Edgar P. Jacobs, Jesus Blasco, Freixas e tantos outros, considerados ontem e hoje como dos

maiores da banda desenhada. Como vê, nenhum autor americano. É claro que continuei a revelar ou a publicar os autores portugueses, podendo dizer-se que nenhum me “escapou”, desde Eduardo Teixeira Coelho a José Manuel, do Péon e do José Ruy ao Marcello de Moraes e ao José Manuel Soares, do Garcês ao Manuel Lima, do Lapa ao Luís Osório e ao próprio e grande Stuart, sendo alguns autores também das ilustrações dos livros que, entretanto, fui publicando”. Na entrevista concedida ao *JL*, Simões Müller lamenta a “grande carga de violência” presente na banda desenhada de origem norte-americana que chegava na época a Portugal, contrapondo com o que fez em prol das histórias aos quadrinhos vindas da França e da Bélgica: “eu preocupava-me em não violentar os jovens, em não os chocar, em não os excitar. E fui criticado por isso”, numa alusão ao período em que o escritor pertenceu a uma comissão de leitura/censura. Contudo, apesar de reconhecer que “a banda desenhada tem realmente uma palavra a dizer no domínio da Literatura Infantil e Juvenil”, isto não basta a uma revista para a pequenada. Simões Müller é peremptório em afirmar que “uma publicação para jovens não deve ser constituída exclusivamente por histórias aos quadrinhos”. Neste capítulo, Simões Müller ainda é responsável por outros projetos editoriais relacionados com a banda desenhada. As coleções *Alvo*, *Oásis* e *Obras-Primas Ilustradas* são disso um belo exemplo. Enquanto a primeira é um semanário juvenil em formato de bolso, editada por António Gonzaga Pinto e dirigida por Simões Müller, na segunda encontramos *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, entre outros títulos. No que toca às *Obras-Primas Ilustradas*, cita-se o caso das *Aventuras de Robinson Suíço*, de Rodolfo Wyss, que foi o n.º 1 da coleção e é um belo exemplo de um clássico adaptado para banda desenhada.

XV

PARA ALÉM DA LITERATURA INFANTIL E DA BD

Consequência do empreendedorismo de Adolfo Simões Müller, são muitos os nomes por si apadrinhados. Ester de Lemos é um deles e não há dúvidas de que Adolfo Simões Müller é o responsável por ela se ter tornado escritora. A escritora Luísa Ducla Soares recorda que “Ester de Lemos tinha quatro ou cinco anos, quando foi a um programa da rádio recitar uns versos que as irmãs lhe tinham ensinado. Adolfo Simões Müller achou-lhe tanta graça que foi desta forma que a menina entrou nos domínios da literatura infantil e foi ele, naturalmente, que a incentivou, anos mais tarde, a escrever para a Emissora Nacional”.

Ao longo dos anos em que Adolfo Simões Müller dirigiu publicações, foram muitos os nomes que colaboraram com ele, contribuindo para estimular o gosto pela leitura. Desta forma, também foram dadas a conhecer as obras de Etelvina Lopes de Almeida, Maria Isabel de Mendonça Soares, Moreira das Neves, José de Lemos, António Botto, Luís Forjaz Trigueiros, Emília de Sousa Costa, Virgínia Lopes de Mendonça, Maria Archer, Maria Lamas e tantos outros.

O teatro infantil foi outra das áreas por que se aventurou Adolfo Simões Müller. O *Boletim Cultural* (VII série – junho de 1992), com o título *Tesouros de Teatro na Literatura Portuguesa para Crianças*, dá a conhecer um trabalho deste autor, num projeto, escolha e apresentação de textos de António Manuel Couto Viana. David Mourão-Ferreira, no editorial desta publicação da Fundação Calouste Gulbenkian, sublinha que “em tal domínio – o do teatro para crianças – se contam muitos e valiosos espécimes na literatura portuguesa deste século”. Este número do *Boletim Cultural* publica *O Príncipe de Mãos Vazias*, da autoria de Adolfo Simões Müller, pondo em evidência a sua mestria também nesta área, razão pela qual António Manuel Couto Viana fez questão de incluir este trabalho nesta antologia cujo objetivo é “revelar a riqueza da nossa

dramaturgia para a infância”. *O Príncipe de Mãos Vazias*, na opinião daquele autor e empresário, faz, por conseguinte, parte do “importante acervo de peças do género, já hoje esgotadas ou ainda hoje inéditas”.

Já nos últimos anos de vida, Adolfo Simões Müller colabora ativamente no *Boletim Cultural*. No n.º 2, intitulado *Grandes Episódios de Os Lusíadas* (VII série – Agosto de 1990), o projeto, escolha e apresentação de textos são da sua autoria. A propósito da obra maior de Camões, Simões Müller diz ser “intenção deste «Boletim» contribuir para fixar na alma dos portugueses o significado de tais comemorações, através da evocação de algumas das mais belas páginas de *Os Lusíadas*”, o que é revelador do princípio que sempre norteou a vida deste homem dos sete ofícios, na área da escrita.

Noutro número daquela publicação (n.º 8 – VI série), datado de outubro de 1986 e com o título *Tesouros Universais da Literatura em Prosa para Crianças*, Adolfo Simões Müller volta a estar à frente do projeto, escolha e apresentação dos textos. David Mourão-Ferreira, a quem cabe a orientação do *Boletim Cultural*, refere que a tarefa de proceder a uma recolha antológica, em prosa, de autores nacionais e estrangeiros, destinada ao largo público infanto-juvenil, só poderia ser atribuída a Adolfo Simões Müller, uma vez que ele é “um dos maiores e mais respeitados autores contemporâneos da literatura para crianças e adolescentes (...), cuja vasta e inspirada produção vem suscitando a estima, o apreço e a admiração de sucessivas camadas de jovens leitores. São pois da inteira responsabilidade de Mestre Adolfo Simões Müller – a quem endereçamos os nossos agradecimentos – tanto a escolha dos textos que a seguir vão ler-se como as palavras de apresentação dos respetivos autores”.

Ao todo, são 15 os escritores. Simões Müller escolheu *O Gato das Botas*, de Charles Perrault, *O Chapelinho Encarnado*, dos irmãos Grimm, *Por favor, um pouco de água*, de Alexandre Pushkin, *A Pequena Vendedeira de Fósforo*, de Hans Christian Andersen, *Aventuras de Pinóquio*, de Carlo Collodi, *Histórias de Heidi*, de Joana Spyri, *No Buraco dum Coelho*, de Lewis Carrol, *O Pequeno Tambor*, de Edmundo D'Amicis, *O Gigante Egoísta*, de Oscar Wilde, *O Vaticínio*, de Selma Lagerlöf, *O Grão de Trigo e o Grão de Ouro* e *O Último Negócio*, de Rabindranath Tagore, *O Senhor de La Fontaine e o Sítio do Picapau Amarelo*, de José Lobato Monteiro, *A Raposa Salta-Pocinhas, o Cavalinho Bailarino e o Lobo Brutamontes*, de Aquilino Ribeiro e *O Príncipezinho*, de Antoine de Saint-Exupéry.

Adolfo Simões Müller refere, na nota de abertura da revista, que “estas histórias, das mais belas que se têm escrito em todo o mundo e em todos os tempos, destinam-se essencialmente aos jovens: às crianças e a muitos que se chamam adolescentes – mas que são ainda crianças também... E é claro que poderão ser lidas igualmente, com prazer e proveito, por muitas pessoas crescidas”.

A concluir, o autor de *Meu Portugal, Meu Gigante...*, num texto intitulado *Pequeno vaso para tão grande mar*, interroga-se sobre os gostos dos jovens leitores. Assim “seria curioso averiguar-se, junto das escolas, das bibliotecas, das catequeses, as preferências do nosso público infantil e juvenil. Muitas surpresas nos estariam talvez reservadas. Não esqueço aquele famoso inquérito realizado há anos em Inglaterra e que apurou esta conclusão: de uma forma geral, as crianças preferem os livros que não foram escritos propositadamente para elas. E Pessoa foi mais longe, ao dizer que nenhum livro para crianças deve ser escrito para crianças”. E dá os exemplos de *Gulliver* e *Os Três Mosqueteiros*.

XVI
O JORNALISTA

Com o curso de medicina interrompido (na verdade, nunca será retomado), na Escola Politécnica de Lisboa, - teria Adolfo Simões Müller 22 anos – é nesta altura que abraça o jornalismo, ao ser admitido como secretário de redação do jornal *Novidades*, entre 1931 e 1935. As reportagens e entrevistas que assina são decisivas para a sua vida futura, já que contacta com grandes nomes da literatura, como é o caso de Afonso Lopes Vieira (de quem se torna amigo), Branca de Gonta Colaço, Agostinho de Campos e Teixeira de Pascoais, sem esquecer artistas como Jorge Colaço e Carlos Reis, entre outros. Algumas destas entrevistas foram publicadas, mais tarde, no jornal *Letras & Letras*.

Enquanto jornalista, Adolfo Simões Müller acompanhou o grupo de intelectuais estrangeiros (Jacques Maritain, Unamuno, Gabriela Mistral, Ferdinand Greg, Mauriac, entre outros) que, em 1936, visitou Portugal, a convite de António Ferro, homem forte da ditadura, jornalista, escritor e diplomata, que também foi dirigente do Secretariado de Propaganda, depois transformado em Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular.

Do diário *Novidades*, propriedade da Empresa das Novidades, pode dizer-se que era o órgão do Episcopado Português. O *Novidades* era “um jornal católico integral que defendia as reivindicações católicas sem as ligar às conveniências da política partidária” (Matos e Lemos, 2006).

Em junho de 1939, Monsenhor Cónego F. Pais de Figueiredo torna-se diretor até falecer em 1947. No que toca a redatores, destacam-se os nomes do historiador Padre Miguel de Oliveira, Sebastião da Silva Dias e Rogério Martins, mas é António de Oliveira Salazar que sobressai, ele que foi responsável por vários artigos sobre finanças antes de entrar para o governo, em 1928.

Na qualidade de repórter, Adolfo Simões Müller, logo em 1931, é enviado como repórter cultural do jornal às principais exposições de pintura de Lisboa. Em abril de 1933, é destacado para fazer a cobertura da Exposição Anual da Sociedade Nacional de Belas Artes, voltando a escrever sobre o mesmo assunto no ano seguinte.

É por esta altura, à medida que vai adquirindo um papel crescente no *Novidades*, que Simões Müller faz também recensões críticas a livros nas colunas *Livros Novos* e *Crítica das Letras*. Da análise feita aos textos que redigiu, Álvaro Costa de Matos, autor de um artigo sobre Adolfo Simões Müller, na revista *Jornalistas & Jornalistas*, de out/dez de 2009, destaca “os jogos de palavras, o tom coloquial, pleno de humor e o uso das sonoridades da língua, adivinhando-se já o mestre da palavra em que mais tarde se haveria de tornar, e que se revelaria profundamente nas dezenas de livros que o „pedagogo de vanguarda’ publicou”.

No fundo, o jornal *Novidades* funcionou como escola e trampolim para o poeta, escritor e divulgador da banda desenhada portuguesa e franco-belga.

XVII
O POETA

Data de 20 de dezembro de 1926 a edição de *Asas de Ícaro*, o primeiro livro de poesia de Adolfo Simões Müller. Conforme pode ser lido na folha de rosto, estes são os “versos dos dezasseis anos”, em que não falta uma dedicatória aos pais a quem “em troca, pois, dos beijos que me destes / - a voz do céu por cânticos agrestes - / aí vos dou os meus primeiros versos...”. São trinta poemas em que o autor fala de amor e de tudo o que à volta dele gravita: saudade, ilusões, mentira, tristeza, contradição. Nesta sua primeira obra, é ao público adulto que Adolfo Simões Müller se dirige. O poema *Mentira*, que o autor dedicou “a alguém que não sabia o que era o amor” é um dos exemplos que aqui se reproduz:

Mentira

<i>Tu nunca viste, em noite luminosa,</i>	<i>... O amor é como a bela e viva luz</i>
<i>As estrelas tremer e vacilar,</i>	<i>Que, brilhando, nos prende e nos</i>
<i>E depois, já cansadas, expirar</i>	<i>seduz,</i>
<i>Numa agonia pálida e formosa?</i>	<i>Mas que depois se apaga enfraquecida.</i>
<i>Nunca viste uma nuvem vaporosa</i>	<i>O amor é como a nuvem delicada,</i>
<i>Brincar nos céus, em noites de luar,</i>	<i>Que desfalece ao sopro da nortada</i>
<i>E nunca viste o vento dissipar</i>	<i>- é a mais linda mentira que há na</i>
<i>Essa nuvem pequena e descuidosa?</i>	<i>vida...</i>

No que toca ao público infanto-juvenil, é com *Sabichão em Calças Pardas* que Simões Müller se dá a conhecer em livro, numa obra com ilustrações de Tom. No que toca à poesia, o autor revela alguma frustração pelo pouco interesse dos jovens leitores por aquele género. Num artigo intitulado *Para despertar meninos...*, publicado no *Boletim Cultural* dedicado aos *Tesouros Poéticos da Literatura Portuguesa para Crianças* (VI Série – N.º 9 – setembro de 1987), Simões Müller – que aqui é responsável pelo projeto, escolha e apresentação dos textos -

confessa que “sempre tive a impressão, sobretudo desde o tempo em que, durante três anos, dei aulas de instrução primária – e até pela minha própria experiência de adolescente devorador de livros –, de que os leitores jovens não se entusiasмам por ler poesia. Quando muito, gostam de ouvi-la. Nunca descobri a verdadeira causa daquele desinteresse, quase animosidade, pela leitura de textos em verso”. Não obstante este lamento, Simões Müller defende a poesia, pois “apresenta-se, pelo seu ar doce de cantilena, pelo seu ritmo, a permitir maior facilidade de memorização, como veículo ideal para as leituras infanto-juvenis”. E vai ainda mais longe ao afirmar que “o que é um facto é que os livros em verso, para crianças, continuam a ter menor procura, menos aceitação, e que as selectas escolares dedicam à prosa a mais larga percentagem, quase a totalidade, dos trechos que encerram”.

Em *Tesouros Poéticos da Literatura Portuguesa para Crianças*, Simões Müller procura reunir os autores e os poemas que no seu entender são os mais representativos do género. Refere, a este propósito que, “quanto ao «Tesouro Poético» apresentado por Antero em 1883, há que reconhecer, com Ester de Lemos, que muitos dos seus trechos estavam longe de satisfazer o fim a que se destinavam”. Daí a iniciativa de Simões Müller que, com a sua seleção, espera “estimular nos jovens o gosto pelas histórias em verso”. Da sua lista constam os nomes de Bocage, Almeida Garrett, Henrique O’Neil, João de Deus, Júlio Dinis, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, António Nobre, Afonso Lopes Vieira, António Sérgio, Jaime Cortesão, Fernando Pessoa, José Régio e Branquinho da Fonseca, entre muitos outros. Esta seleção merece aqui ser lembrada pelo facto de, para além dos trechos escolhidos, apresentar curtas biografias dos autores escritas por Simões Müller à medida dos jovens leitores.

XVIII
HOMENAGENS

As homenagens em vida são, sem dúvida, aquelas que mais sensibilizam os protagonistas. A 17 de setembro de 1985, Adolfo Simões Müller foi considerado o “maior amigo dos jovens de Portugal”, numa iniciativa do Rotary Clube Lisboa-Benfica.

Outro sinal de reconhecimento pelo autor foi a homenagem prestada, a 9 de março de 1991 (já Adolfo Simões Müller tinha falecido), pelo Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa e que consistiu na colocação de um busto, da autoria do Mestre Anjos Teixeira, no Jardim das Amoreiras, em Lisboa.

Em 2009, ano em que Adolfo Simões Müller celebraria 100 anos, a Câmara Municipal de Lisboa fez questão de lhe prestar uma sentida homenagem, levando a um efeito uma série de iniciativas. Entre elas está a publicação de um dossiê digital intitulado *O Mistério da Palavra*. Trata-se de um documento rico em informação, pelo que foi um dos pilares deste meu trabalho. Neste dossiê digital, da autoria da Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa, refere-se que “Simões Müller é, sem dúvida, uma referência obrigatória na história da literatura portuguesa para crianças. Mais do que citado, merece ser lido”.

No mesmo ano, numa organização da Câmara Municipal da Amadora, DEC/Divisão da Cultura, Desporto e juventude, FIBDA/Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora e Casa Roque Gameiro, esteve patente uma exposição sobre o autor, em que puderam ser apreciados objetos pessoais de Simões Müller.

Por outro lado, muitos dos hoje consagrados autores de literatura infanto-juvenil não escondem a influência de Adolfo Simões Müller. É o caso de José Jorge Letria que no X Encontro de Literatura para Crianças maravilhou a assistência ao apresentar a figura multifacetada do autor de *Caixinha de Brinquedos* e de *Dona Maria de Trazer por Casa*.

Mas as homenagens não se ficam por aí. Em termos toponímicos, pode encontrar-se uma rua com o seu nome em Queluz e Arrentela (Seixal).

O escritor faleceu a 17 de abril de 1989 e, no ano seguinte, a Editorial Verbo instituiu um prémio com o nome do escritor, como homenagem à memória desse grande vulto da literatura infantil e como estímulo à revelação de novos autores.

Falta ainda referir o Centro Cultural Infantil Adolfo Simões Müller (CCIASM). Situado no Jardim do Alvito, em Lisboa, este espaço está entregue ao Departamento de Ação Social da Câmara Municipal que procura dinamizar atividades destinadas às crianças, como sejam ateliers de cerâmica, pintura e desenho. Mas aqui, algo vai mal. A respeito deste centro cultural infantil, a 17 de janeiro de 2012, era nestes termos que António Arruda, deputado municipal do MPT – Partido da Terra, se referia àquele espaço: “Não podia deixar de dar uma nota sobre o CCIASM, que se encontra fechado sem qualquer actividade e com uma dotação inscrita na astronómica quantia de...um euro!!! Este espaço, que foi durante muitos anos uma referência na cidade de Lisboa, por onde passaram milhares de crianças, de escolas e instituições, encontra-se hoje completamente remodelado, com obras recentemente efectuadas e...pasmese... sem possibilidade de exercer a sua atividade por falta de apoio financeiro. A cidade de Lisboa não tem assim tantos espaços de cultura e de lazer para as famílias e para as suas crianças, que se possa dar ao luxo de ter um espaço como o deste Centro Cultural inativo”. Adolfo Simões Müller merecia melhor, tendo em conta todo o trabalho que desenvolveu em prol das crianças.

XIX
TESTEMUNHOS

“Os livros do Adolfo Simões Müller fizeram parte da minha infância. Com eles aprendi a gostar das histórias que existem dentro da história de uma pessoa”. É desta forma que a escritora Alice Vieira se refere ao autor de “Meu Portugal, Meu Gigante...”. Além disso, é da opinião que “os livros de Adolfo Simões Müller conseguem atravessar gerações – e isso é o melhor elogio que lhe posso fazer. (E tenho muita pena que hoje se tenha perdido o hábito da escrita de biografias para os mais novos)”. A este propósito, não será por acaso que Alice Vieira publicou recentemente uma biografia sobre a escritora inglesa Enid Blyton, tal como Adolfo Simões Müller fez com tantas personalidades. Por outro lado, como aconteceu com muitos jovens, foi também pela mão de Adolfo Simões Müller que a autora de *Rosa, Minha Irmã Rosa* leu o *Tintin* e tantos outros heróis da banda desenhada.

Alice Vieira recorda que, com os livros de Adolfo Simões Müller, a sua infância muito solitária povoou-se de amigos que, para além disso, eram heróis, escritores, cientistas, inventores, músicos, navegadores, exploradores de lugares de que ela nunca tinha ouvido falar. Passados tantos anos, ainda hoje recorda o fascínio com que leu as *Aventuras do Trinca-Fortes*, ou o *Homem das Mil Invenções*. E a provar que a escrita de Adolfo Simões Müller atravessa gerações, Alice Vieira lembra que, “mais tarde, dei os livros de Adolfo Simões Müller a ler aos meus filhos e agora aos meus netos. E, apesar de muita coisa ter mudado (o mundo todo mudou!), todos têm lido os livros com grande prazer e entusiasmo. Às vezes, não é preciso bater à porta de Hogwarts para se entrar num mundo de magia”...

No decorrer do XVI Encontro de Literatura para Crianças, que de 6 a 8 de outubro de 2004 teve lugar na Fundação Calouste Gulbenkian, Alice Vieira fez uma intervenção diferente da dos colegas, no âmbito do

tema *Livros clássicos com viagens*, referindo-se a Simões Müller. Disse a escritora que “Adolfo Simões Müller (ASM), que é de todos estes clássicos que nós estamos a falar aqui esta tarde, o único que alguns de nós conheceram vivo, é um bocadinho diferente dos outros. E, no meu caso, eu tive realmente o privilégio de ser amiga dele, de ter contactado muito com ele, sobretudo na última década da sua vida. Vá-se lá saber porquê, ele adotou-me e passei coisas muito divertidas com ele, entre as quais uma ida a um programa de televisão, em direto, em que o apresentador passou todo o programa a fazer-lhe perguntas, pensando que estava a entrevistar um bailarino reformado. Só realmente uma pessoa com grande capacidade de mudar o texto, de mudar as respostas como o Adolfo Simões Müller, é que aguentaria aquele tempo todo sem se rir. Foram realmente umas coisas divertidas”

Mais adiante, a autora de *Leandro, Rei de Helíria* lamenta que “a obra do Adolfo Simões Müller esteja praticamente esgotada, ou não esteja nas livrarias, ou ninguém conheça, ou ninguém saiba onde é que ela está.” E acrescenta que “na releitura dos livros de ASM, fiz uma divisão de viagens, entre as viagens da vida das pessoas, as viagens que se fazem através da memória, e as viagens, através de montes e vales. A viagem da vida das pessoas, que é sempre a mais aventureira que se pode contar, foi tratada pelo Adolfo Simões Müller de forma extremamente importante na coleção que fez de biografias. A coleção chamava-se *Gente Grande para Gente Pequena*. E foram editados, não sei se por imposição do editor, só seis livros! Para aquela coleção de biografias, (ele depois viria a escrever mais biografias noutra coleção), ele escolheu seis possíveis biografados. A primeira a sair foi *A Pedra Mágica e a Princesinha Doente*, que tem a ver com a vida da Madame Curie, depois seguiram-se *O Homem das Mil Invenções*, que relata a vida de Thomas

Edison; *O Capitão da Morte*, sobre o Capitão Scott; *O Piloto e o Fantasma*, sobre Wagner; *O Grande Almirante das Estrelas do Sul*, sobre Gago Coutinho e Sacadura Cabral e a viagem ao Brasil e *Trinca Fortes*, sobre Camões. Só Camões e Gago Coutinho foram os portugueses escolhidos para esta coleção. Depois, como já afirmei, continua noutro tipo de coleção com a história da Florence Nightingale”.

Alice Vieira destaca o papel importante de Adolfo Simões Müller, “porque uma das falhas que eu encontro na literatura que as nossas crianças e os nossos jovens leem é exatamente essa: não há biografias, eles não sabem das vidas, não sabem das histórias, não sabem o que aconteceu. E as pessoas depois espantam-se muito quando há feriados, comemorações importantes, e vão para a rua, de microfone em punho, perguntar às crianças sobre o que é que se está a comemorar. Claro que eles não sabem! Como é que hão-de saber! Ninguém nasce ensinado”, remata a escritora, sublinhando que “faz muita falta uma coleção que fale de histórias que tenham a ver com a nossa história”.

Na mesma intervenção, Alice Vieira destaca “outra viagem possível, através da memória, que ele também fez muito – e já hoje se falou de outros autores que o fizeram – é a viagem ao mundo fascinante das histórias tradicionais, do maravilhoso, das lendas, das histórias populares”.

Segundo a escritora, “nesse caso, ele tem muitas recolhas de lendas, de fábulas, de histórias e tem um livro que se chama *O Príncipe Imaginário e outros Contos Tradicionais Portugueses*, onde começa por dizer que não se destina só a um público infantil, mas tanto quanto possível, a toda a gente (...). Daí que estas histórias sejam, muitas vezes, intercaladas por notas, explicações, que não são já aquele tipo de

intervenções muitas vezes pedagógicas que ele dava nos textos que escreveu”.

E acrescenta que “estas explicações são dirigidas a um público adulto e, por isso, não se fazem dentro do próprio texto, mas em rodapé”.

Mas as viagens não se ficam por aqui na obra de Adolfo Simões Müller. De acordo com Alice Vieira, “é também, evidentemente, uma viagem pelas palavras!”, nomeadamente no que diz respeito ao vocabulário. Alice Vieira lembra na sua intervenção que “agora está um bocadinho na moda dizer-se que não se devem escrever palavras que os meninos não conhecem porque já é tão complicado e se eles encontram no texto uma palavra que não conhecem?”, questiona a autora de *Graças e Desgraças de El Rei Tadinho*. A este respeito, Alice Vieira não tem dúvidas de que “é extremamente enriquecedor que as crianças, desde muito pequeninas, ouçam histórias sem as pessoas se preocuparem se elas entendem ou não entendem as palavras todas”. A escritora cita os casos de vocábulos como «timbales», «charamelas» e «bufarinheiros» que a atormentaram durante a infância, sem que lhes conhecesse o significado, mas que estas palavras “tinham de entrar em todas as histórias, isso tinham”!

Há, no entender de Alice Vieira, um “enriquecimento de vocabulário, que também faz parte da magia, que também faz parte do maravilhoso. Reduzir a história a um fiozinho só de palavras é, muitas vezes, um crime. O som, as lengalengas e as rimas e a toada, tudo isso é importante! Muitas vezes é esse som que leva as crianças, que as atrai à leitura”.

Outra das grandes viagens que podemos fazer com Adolfo Simões Müller é através da imprensa. Alice Vieira não tem dúvidas de que o escritor “foi extremamente importante através dos jornais que criou”,

sublinhando que em todos eles “houve sempre uma grande preocupação dele (que já se notava também, evidentemente, na ilustração dos livros) de chamar grandes nomes das artes plásticas, grandes nomes da ilustração para os jornais, para as revistas e também para a ilustração dos livros”.

Volvidos tantos anos, Alice Vieira recorda com saudade os tempos áureos de *O Papagaio*, *Diabrete*, *Cavaleiro Andante* e demais revistas para os jovens. “Hoje nós reparamos que se há coisa que falta no nosso quotidiano para crianças e para jovens é um jornal, é uma revista. Os adultos também já não leem jornais, mas se, realmente, houvesse alguma coisa que levasse as crianças a habituarem-se a ler uma revista, a habituarem-se a ter o seu jornal, como naquela época havia. Eu lembro-me de toda a excitação com que nós esperávamos *O Cavaleiro Andante* e era uma época em que não havia só isso”. A propósito desta revista, Alice Vieira recorda uns tempos de infância passados na Serra da Estrela, nas Penhas da Saúde, e da “alegria que era no dia em que chegava o *Cavaleiro Andante*”. A escritora tem um carinho especial por esta publicação, já que foi num suplemento do *Cavaleiro Andante* que, certo dia, “apareceu uma vez uma carta de uma criancinha que tinha para aí nove anos, a dizer que gostava muito de ler o *Cavaleiro Andante* e que, algum dia, ainda havia de escrever histórias. Era eu!”

Alice Vieira, que antes de abraçar a escrita para os jovens, foi jornalista, não esquece que foi por influência de Adolfo Simões Müller que “o *Tintim*, o meu colega de jornalismo, veio parar a Portugal e que as suas aventuras foram publicadas”.

A rematar a sua intervenção no XVI Encontro de Literatura para Crianças, Alice Vieira considera “fundamental, como dizia Alexandre Herculano”, que “a melhor homenagem que se pode fazer a um escritor é

ler os seus livros. Neste caso, seria poder fazer com que estes clássicos estivessem acessíveis, que as crianças e os jovens tivessem a possibilidade de ler, não digo todos, evidentemente; mas esta série de biografias, porque são um tipo de biografias que não se limitam a contar a história; Müller junta sempre qualquer coisa de inventado, de criativo, de insólito”.

Adolfo Simões Müller é, sem dúvida, uma referência para Alice Vieira. Ela reconhece nele um talento especial: “no fundo, é a arte de chegar ao leitor mais jovem, contando o que se quer, mas dando-lhe assim estes rebuscadinhos (factos caricatos que o autor adicionava à história); e o Adolfo Simões Müller fazia-o muito bem. Em todos os livros, ele tenta sempre captar os leitores, que é, no fundo, aquilo que todos nós queremos! Por isso, se deste Encontro, se destas conversas sair uma ideia qualquer de reeditarem estes clássicos, não falo só no caso do Adolfo Simões Müller, ficaria muito feliz”. Este autor pertence a uma linhagem de homens e mulheres criativos que urge redescobrir através dos seus livros. É que Alice Vieira faz cursos de escrita criativa e “muitas vezes quero livros destes e é muito difícil encontrá-los”.

David Mourão-Ferreira, por sua vez, assegura que “a infância e a juventude devem-lhe os mais belos textos que na nossa língua lhes têm sido destinados”. Os dois autores colaboraram no *Boletim Cultural*, editado pela Fundação Calouste Gulbenkian. No n.º 2, datado de agosto de 1990 (VII série), Adolfo Simões Müller é responsável pelo projeto, escolha e apresentação dos textos.

No editorial assinado por David Mourão-Ferreira, o autor da letra de *Barco Negro*, tema imortalizado por Amália Rodrigues, fala nestes termos ao referir-se à valiosíssima colaboração de Simões Müller: “tudo o que vai ler-se no presente número deste *Boletim Cultural* foi idealizado

e preparado por Adolfo Simões Müller, nos últimos meses da sua vida, toda ela tão exemplarmente devotada à nobre causa da literatura infanto-juvenil.

Poeta e autor de várias dezenas de livros para crianças e adolescentes, um dos seus principais objetivos, ao longo de mais de sessenta anos de profícua carreira literária, foi justamente o de tornar acessíveis e aliciantes, a sucessivas gerações de jovens, algumas obras-primas da literatura universal e, particularmente, da literatura portuguesa. Este projeto inscrevia-se pois numa linha muito fecunda e muito coerente da sua produção; e, ao realizá-lo, dando-o agora a lume, o Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian sobretudo pretende prestar uma justa e devida homenagem ao escritor Adolfo Simões Müller, com cuja preciosa colaboração amiúde contou e diante de cuja memória saudosamente se inclina”. E acrescenta ainda que “o que obviamente Adolfo Simões Müller desejava – e todos nós desejamos – é atrair renovadas camadas de leitores para a obra máxima da nossa poesia – para aquela, justamente, em que os mais memoráveis feitos da nossa História alcançaram a mais alta expressão estética e a mais larga ressonância mítica”.

António Torrado é outro dos escritores que sofreu a influência de Adolfo Simões Müller. O autor de *O Veado Florido* lembra que, depois de conhecidas as letras, “comecei a ler outras coisas, nomeadamente revistas infantis, que é uma coisa que entretanto desapareceu – aos sábados e às quartas-feiras havia o *Cavaleiro Andante* (etc.). Eram dirigidas por um senhor que muito mais tarde vim a conhecer, um nome muito importante da literatura para os mais novos, chamado Adolfo Simões Müller. Eram revistas de quadrinhos, com banda desenhada, mas aí conheci pela primeira vez o *Tintin*”.

Também **António Mota** faz questão de revelar a sua admiração por Simões Müller. Numa iniciativa da Casa da Leitura, da Fundação Calouste Gulbenkian, o escritor infanto-juvenil natural de Vilarelho, concelho de Baião, dá conta dos livros da sua infância. Dos cinco que elege como sendo “os livros que se agarram à pele”, António Mota destaca dois títulos da autoria de Simões Müller. São eles *O Homem das Mil Invenções* (Edison e os seus inventos), e *A Pedra Mágica e a Princesinha Doente* (Marie Curie e a sua descoberta), ambos da coleção *Gente Grande para Gente Pequena*. António Mota coloca Simões Müller em pé de igualdade com Ernest Hemingway (*O Velho e o Mar* e *Por Quem os Sinos Dobram*), José Mauro de Vasconcelos (*O Meu Pé de Laranja Lima*) e Alberto Morávia (*La Ciociara*).

Deve ter sido graças à carrinha da Biblioteca Itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian que regularmente passava pela sua aldeia que António Mota descobriu Simões Müller. Este último contribuiu, de alguma forma, para fazer de António Mota um leitor compulsivo, mas, acima de tudo, um dos mais aclamados autores de literatura infanto-juvenil.

Natércia Rocha, por sua vez, afirmou que “Adolfo Simões Müller se manteve durante meio século junto dos mais novos. Com a extraordinária sensibilidade de quem já amadurecera aos vinte anos e se conservava jovem à beira dos oitenta, foi sempre capaz de, com várias gerações se encontrar para dar e receber”. Além disso, “para uns, autor de biografias notáveis dedicadas ao público infantil; para outros, infatigável diretor e impulsionador de jornais destinados a jovens; para outros ainda, pioneiro de trabalhos na rádio quando tudo estava por inventar, Adolfo Simões Müller manteve-se presente durante meio século junto dos mais novos”.

Afonso Lopes Vieira, que Adolfo Simões Müller conheceu quando era jornalista do diário *Novidades*, refere-se a ele, dizendo que “é do melhor que temos para os pequenos portugueses”.

Ferreira de Castro afirma que “Adolfo Simões Müller fez no género uma obra verdadeiramente admirável. Não são apenas os adolescentes, mas também os adultos que leem estas páginas com o maior interesse. Eu próprio, já tão longe dos anos aurorais, alguma coisa fui aprendendo...”

Vitorino Nemésio diz o seguinte: “como eu admiro a sua devoção a uma obra destas! A fé que V. tem na ação da palavra clara, da história com espírito de infância e alegria! E que estilo correntio e elegante, que graça de contar... A unidade humanística da sua carreira de escritor faz-me remorsos da dispersividade da minha”.

Vejamos o que outras personalidades têm a dizer sobre ASM:

Marcello Caetano: “Livros que ainda dei a ler aos filhos – dou-os agora aos netos, que os leem com o mesmo interesse e entusiasmo dos pais. No meio de tanta desorientação em matéria de literatura juvenil, os seus livros são obra séria e digna que provera a Deus tivessem cada vez mais acrescida audiência”.

Veríssimo Serrão: “Se muitos lhe chamam, de direito próprio, o “Príncipe da Literatura Infantil”, de há muito chegou o tempo de o considerar, em Portugal, o “Imperador” na difícil arte de recriar o mundo para encanto dos mais novos... e da parte dos poderes públicos não houve ainda um movimento para o considerar um benemérito das coisas portuguesas? Para o galardoar, à imagem de Selma Lagerloff, com a Ordem da Gratidão Nacional?”

Moreira das Neves: “A história da literatura infantil e juvenil em Portugal jamais se poderá fazer sem colocar num dos primeiros lugares,

senão no primeiro, o escritor Adolfo Müller. Nunca o país lhe pagará suficientemente em homenagens os serviços que o seu talento e o seu coração lhe têm prestado”.

Luísa Ducla Soares: “... herói da minha infância – que através dos seus livros, que não esqueço, me iniciou na literatura”.

Nuno Bermudes: “Escritor da estirpe de um Andersen ou de um Dickens”.

Luís Lagrifa: “Obrigado, por me ter feito feliz e a milhões de portugueses”.

António Moreira (vereadora da cultura da Câmara Municipal da Amadora): “No ano em que se celebra o centésimo aniversário do seu nascimento, é mais do que justa a homenagem que o FIBDA faz a Adolfo Simões Müller, um dos grandes nomes da divulgação da banda desenhada em Portugal. Responsável por publicações tão importantes como *O Papagaio*, *o Diabrete* ou *o Foguetão*, foi graças à sua visão e ao seu amor à banda desenhada que Portugal foi dos primeiros países estrangeiros a publicar as histórias de *Tintin*. O seu trabalho em prol da literatura infantil, a par da divulgação da banda desenhada no nosso país, é motivo mais que suficiente para integrar o conjunto de exposições que o FIBDA apresenta no ano do seu vigésimo aniversário.

Maria José Pereira (comissária da exposição sobre o centenário do nascimento de Adolfo Simões Müller): “(...) Grande nome da literatura infantil portuguesa, Adolfo Simões Müller dedicou uma vida à divulgação e publicação de banda desenhada de origem franco-belga em Portugal, tendo sido diretor de revistas como *O Papagaio*, *o Foguetão* e *o Diabrete*, entre outras. Foi graças a Adolfo Simões Müller que séries como *Tintin* ou *Astérix* tiveram a sua primeira edição em Portugal, tendo

sido o nosso país o primeiro país estrangeiro a publicá-las, facto que hoje a todos nós muito nos orgulha”.

Álvaro Costa de Matos (Coordenador da Hemeroteca Municipal de Lisboa e Investigador do Centro de Investigação Media e Jornalismo): “Para além da sua importância como autor de livros para crianças e jovens e como divulgador da banda desenhada em Portugal, através dos jornais e revistas infantis e juvenis que dirigiu, Adolfo Simões Müller (cujo centenário do nascimento se assinala este ano) merece também ser lembrado pelo seu percurso como jornalista”.

Branca de Gonta Colaço: “... li-o com verdadeiro encantamento, admirando o talento, o voo com que está escrito, a perfeição dos versos, a simplicidade, a pureza da linguagem, e também o poder de condensação da História, que é uma das suas qualidades mais notáveis.”

Teresa Leitão de Barros: “... uma das obras literárias de mais pura e de mais portuguesa inspiração que, nos últimos anos, têm vindo a lume.”

Norberto de Araújo: “É, no seu género, uma obra notável.”

João Paulo de Paiva Boléo: “... uma das grandes figuras do universo literário e pedagógico por longos anos, com uma obra vastíssima, interessante e muito prestigiada, e um dos ‘monstros sagrados’ da direcção de revistas juvenis e de banda desenhada, de que inicialmente nem gostava”.

Pedro Cleto: “... é um dos nomes fundamentais do jornalismo infanto-juvenil em Portugal das décadas de 1930 a 1970, onde deixou marcas profundas como director de *O Papagaio* (1935), onde estreou *Tintin*, *Diabrete* (1941), *Cavaleiro Andante* (1952), *Falcão* (1958), *Foguetão* (1961), onde publicou *Tintin au Tibet* na versão original francesa, com a tradução em rodapé (!) e apresentou *Astérix* pela

primeira vez (a preto e branco) aos leitores portugueses, ou *Zorro* (1962)”.

Soledade Martinho Costa: “O mais interessante, é que cheguei a conhecer pessoalmente e a ter o privilégio da sua amizade e convivência, com três dos autores que li na infância: Adolfo Simões Müller, José de Lemos e Noémia Setembro. Nessa altura, já eu escrevia. Cheguei a entrevistá-los para o extinto *O Jornal da Educação*, do qual fui colaboradora, dirigido pelo meu saudoso e querido amigo Afonso Praça”.

Susana Oliveira (ilustradora): “(...) Mas foi a biblioteca do meu avô que mais me contagiou durante todas as longas férias de verão. Muitos eram livros velhinhos, como *A Maravilhosa Viagem de Nils Holgerson*, de Selma Langerlöf e *A Ilha do Tesouro*, de Stevenson, lidos nas encadernações de cartão e chita feitas pelo meu avô. A coleção *Gente Grande para Gente Pequena*, de Adolfo Simões Müller, alinhada nas suas lombadas azuis, fez-me querer ser à vez caridosa como Florence Nightingale, perseverante como Madame Curie e audaz como o Capitão Scott”.

XX
BIBLIOGRAFIA

Pessoa, C. (2005). *Roteiro Breve da Banda Desenhada*. Lisboa: CTT Correios de Portugal SA.

Peeters, B. (2006). *Hergé, fils de Tintin*. Paris: Éditions Flammarion.

Goddin, P. (2007). *Hergé - Lignes de Vie*. Bruxelas: Éditions Moulinsart.

Peixoto, M. (1986). *O Papagaio, revista miúda para miúdos: sua influência, ao serviço da Igreja, na formação ideológica-cultural da juventude dos anos 30-40*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Matos, Á. et al (2009). *O Mistério da Palavra – Dossiê Digital: Adolfo Simões Müller: comemoração do centenário de nascimento: 1909-1989*. Disponível em <http://catalogolx.cm-lisboa.pt/ipac20/ipac.jsp?menu=search&aspect=subtab11&npp=20&ipp=20&spp=20&profile=rbml&ri=&term=o+mist%C3%A9rio+da+palavra&index=.GW&x=0&y=0&aspect=subtab11>. (Consultado em maio de 2012).

Gonçalves, C. (1982). *Um construtor de sonhos chamado Adolfo S. Müller* – entrevista publicada no *Correio da Manhã*.

De Matos, Á. (2009). *ASM – Adolfo Simões Müller – Jornalista*. Artigo publicado na revista *Jornalimos & Jornalistas*.

Les Amis de Hergé (revista n.º 8). (1988). *Tintin 60 ans d'aventures*.

Les Amis de Hergé (revista n.º 9). (1989). *Tintin au Portugal*.

Barreto, G. (2002). *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*. Porto: Campo de Letras – Editores, S.A.

Câmara Municipal da Amadora (2009). *Catálogo da exposição sobre Adolfo Simões Müller na Casa Roque Gameiro, Amadora*.

Boer, J. (2004). *Tintin au Portugal*. Genootschap.

Azevedo, J. (2012). *O Papagaio – Um estudo do que foi uma grande revista infantil portuguesa*. Lisboa: Bonecos Rebeldes.

De Sá, L. (2010). *Dicionário Universal da Banda Desenhada – pequeno léxico disléxico*. Caldas da Rainha: pedranocharco.

De Sá, L. & Deus, A. (1999). *Dicionário de Autores de Banda Desenhada e Cartunes*. Amadora: Edições Época de Ouro.

Simões Müller, A. (1983). *Historiazinha de Portugal*. Porto: Figueirinhas.

Pires, M. (1999). *Adolfo Simões Müller*. Biblos-Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa, vol. 3. Disponível em <http://www.boasleituras.com/Escrita/AdolfoMuller.htm> (consultado em agosto de 2012).

Vieira, A. (2005). *Adolfo Simões Müller, Comunicação no 16.º encontro de Literatura para Crianças*. Disponível em www.leitura.gulbenkian.pt (consultado em setembro de 2012).

Mourão-Ferreira, D. (1992). *Boletim Cultural – “Tesouros de Teatro na Literatura Portuguesa para Crianças” – VII Série*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Azevedo, J. (2010). *Diabrete: o grande camaradão de todos os sábados*. Lisboa: Ed. do autor.

Simões Müller, A. & Bento, F. (1990). *As Mil e Uma Noites*. Porto: Edições Asa.

Pessoa, C. (2007). *Centenário de Hergé: Portugal foi o primeiro país do mundo a publicar o Tintim a cores*. Disponível em <http://tintinofilo.overblog.com/article-10521287.html> (consultado em setembro de 2012).

Cleto, P. (2010). *Adolfo Simões Müller, um homem dos (setenta e) sete instrumentos*. Disponível em <http://asleiturasdopedro.blogspot.pt/2010/04/adolfo-simoes-muller-um-homem-dos.html> (consultado em setembro de 2012).

CRILIJ - Centro de Recursos e Investigação sobre Literatura para a Infância e Juventude (s/d). *Escrita Intemporal: Adolfo Simões Müller*. Disponível em <http://www.boasleituras.com/Escritores.htm> (consultado em junho de 2012).

Fanha, J. (2011). *Precisamos de literatura e não de resumos*. Disponível em <http://queridasbibliotecas.blogspot.pt/2011/11/precisamos-de-literatura-e-nao-de.html> (consultado em julho de 2012).

Cá estamos nós – ponte luso-brasileira para lusófono (s/d). *A Rádio Portuguesa nos anos 40*. Disponível em <http://www.caestamosnos.org/efemerides/123.htm> (consultado em julho de 2012).

Partido da Terra – MPT Nacional (2012). *Grandes Opções do Plano e Orçamento da CML*. Disponível em <http://partidodaterra-mpt.blogspot.pt/2012/01/grandes-opcoes-do-plano-e-orcamento-da.html> (consultado em outubro de 2012).

Torrado, A. (2010). *António Torrado diz que estamos a viver num mundo de letras*. Disponível em http://catatu.catalivros.org/fala_estar_le-nos/le_LM09_entr_a_torrado_2_a.pdf (consultado em agosto de 2012).

Salvado, L. (2011). *Tintin em Portugal: 75 anos de inovações, alterações e aporuguesamentos*. 22.º AmadoraBD 2011.

Oliveira, S. (s/d). *A minha doença*. Disponível em http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/lmi_soliveira_a.pdf (consultado em agosto de 2012).

Mota, A. (s/d). *Livros que se agarram à pele*. Disponível em http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/lmi_a_mota_a_C.pdf (consultado em agosto de 2012).

Martins, L. (1985). *Adolfo Simões Müller: “Paguei a Hergé em latas de sardinhas”*. Disponível em

<http://citizengrave.blogspot.pt/2012/05/adolfo-simoes-muller.html>

(consultado em maio de 2012).

Paiva Boléo, J. (2010). *E Tudo Fernando Bento Sonhou*. Amadora: Edição Câmara Municipal da Amadora.

Matos e Lemos, M. (2006). *Jornais Diários Portugueses do Séc. XX*, Coimbra: Ariadne Editora.

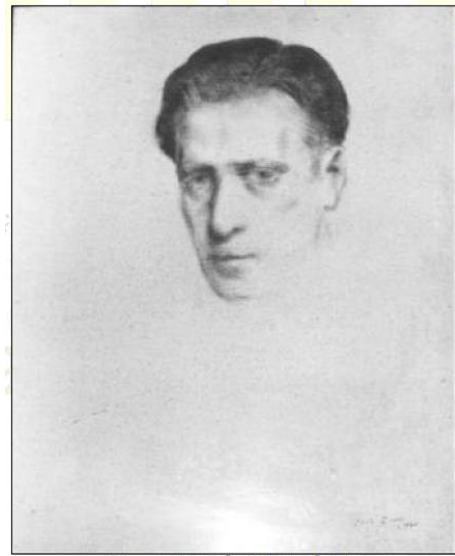
XXI
ANEXOS



Adolfo Simões Müller na sua juventude.



À esquerda, no cumprimento do serviço militar. À direita, com a mãe.



Os pais de Adolfo Simões Müller com Joe, o seu irmão mais velho (1907). À direita, ASM num esboço da autoria do pintor João Reis.



Adolfo Simões Müller com o padre Moreira das Neves.



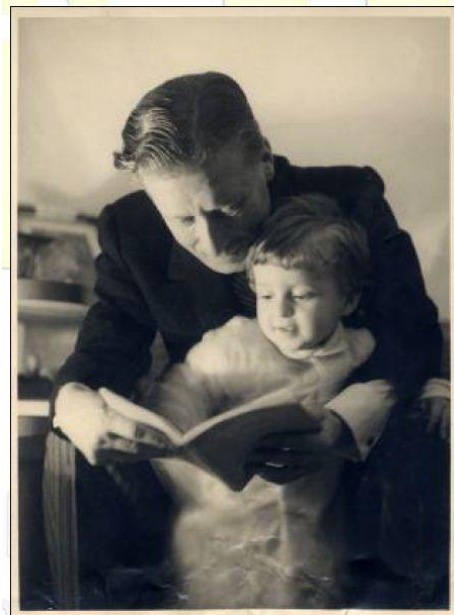
Adolfo Simões Müller no jornal *Novidades*.



Adolfo Simões Müller entrevista Afonso Lopes Vieira, de quem se tornou amigo.



**Adolfo Simões Müller com a mulher, Maria de Jesus
E Rom-Rom, um fox terrier em tudo igual ao Milu do Tintin.**



**Adolfo Simões Müller com o filho Luís,
na sua infância.**



Atuação do Coro da Emissora Nacional, com Adolfo Simões Müller e o ator Curado Ribeiro, ao fundo.



*Portante Adolfo Simões Müller, com grande
sinceridade Beneditino 1947 Lisboa*

Adolfo Simões Müller, à direita, com Jorge Alves, na rádio, em 1947.



ASM numa reportagem da "Vida Mundial Ilustrada" (nº 189, de 28 de dezembro de 1944)



Cardoso Lopes, diretor de *O Mosquito*, a revista rival do *Diabrete* (in *Vida Mundial Ilustrada* nº 189, de 28 de dezembro de 1944)



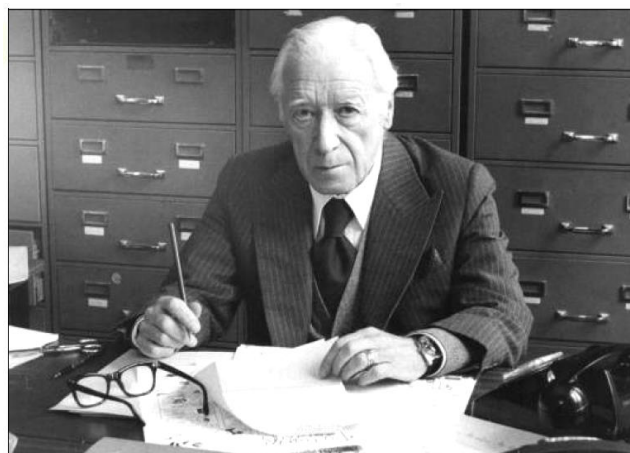
Meco, um dos desenhadores de *O Papagaio*
(in *Vida Mundial Ilustrada* (nº 189, de 28 de dezembro de 1944).



Adolfo Simões Müller, ao cimo à esquerda, acompanhado de parte da equipa envolvida na feitura do *Cavaleiro Andante*.



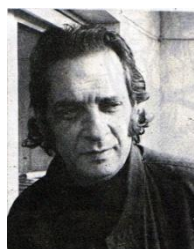
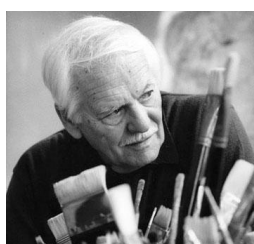
O trio Adolfo Simões Müller, Maria Amélia Bárcia e Fernando Bento.



Adolfo Simões Müller no seu local de trabalho.



Adolfo Simões Müller em sua casa (c. 1975) e num encontro com crianças.



José de Lemos, Júlio Resende e José Ruy (em cima) e José Viana e Vítor Péon (em baixo). Cinco designers que trabalharam com Simões Müller.

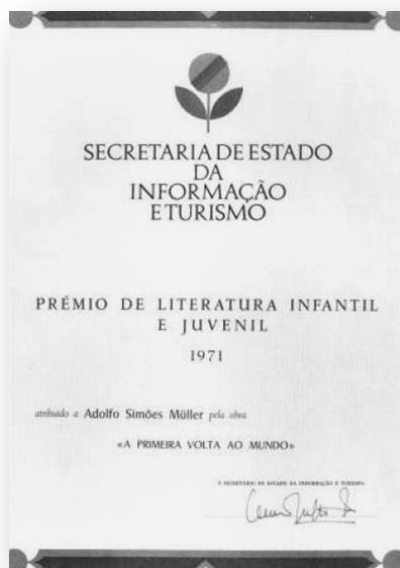
OS PRÉMIOS E DISTINÇÕES



Menção honrosa obtida nos Jogos Florais da Emissora Nacional (1937), na categoria “poesia infantil”. À direita, a menção honrosa que ASM obteve nos Jogos Florais da Emissora Nacional (1939), novamente na categoria “poesia infantil”.



À esquerda, o prémio “Amaranto de Ouro”, obtido nos Jogos Florais da Emissora nacional (1940). À direita, o Prémio de Literatura Infantil e Juvenil da Secretaria de Estado da Informação e Turismo (1971). A escultura é da autoria de Leopoldo de Almeida.



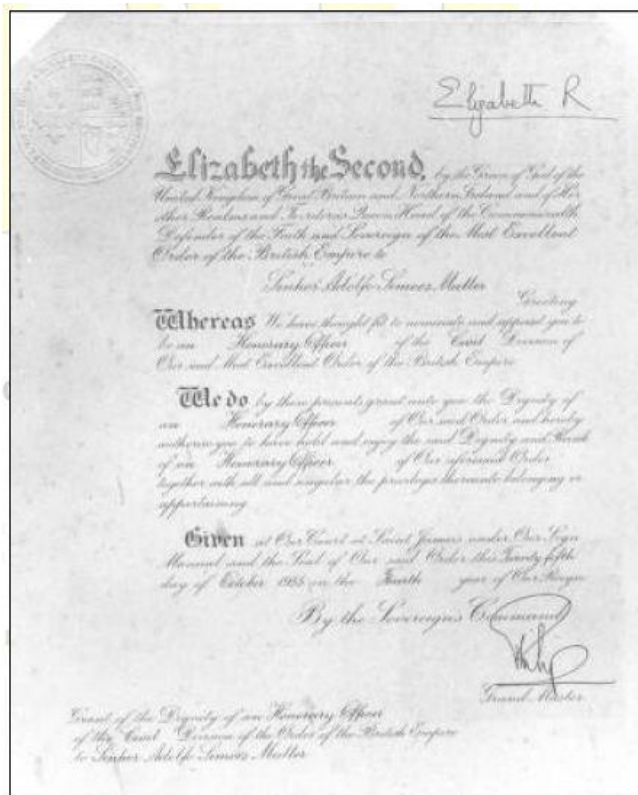
Prémio de Literatura Infantil e Juvenil da Secretaria de Estado da Informação e Turismo (1971). À direita, medalha de mérito atribuída pelos Estados Unidos do Brasil.



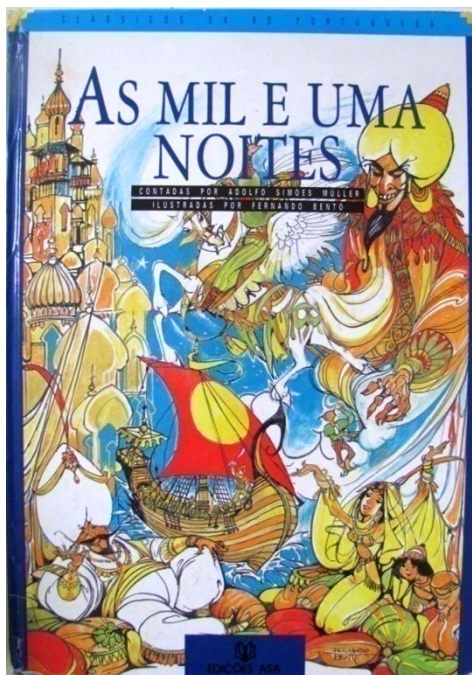
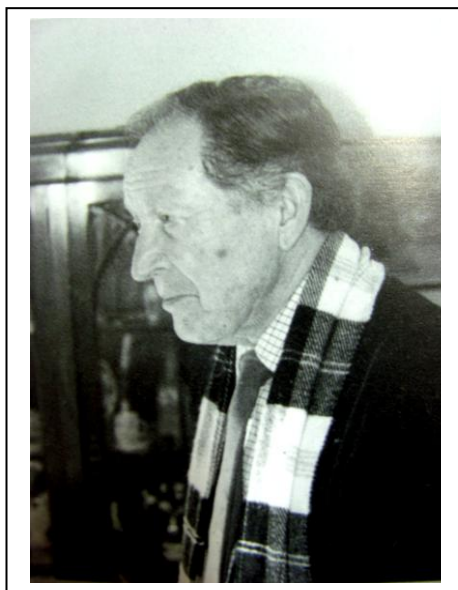
**Medalha de mérito atribuída por Isabel II de Inglaterra.
À direita, homenagem do jornal A Capital (1982).**



Homenagem do Rotary Clube Lisboa-Benfica, ao “Maior Amigo dos Jovens de Portugal”, a 17 de setembro de 1985.



Membro Honorário da ordem do Império Britânico – distinção atribuída pela Rainha Isabel II, a 25 de Outubro de 1955



Fernando Bento (à esquerda) ilustrou “As Mil e Uma Noites” contadas por Adolfo Simões, numa edição a cores de 1990, mas que respeita integralmente a balonagem do original publicado em 1948.



Uma das muitas ilustrações que Fernando Bento fez para livros assinados por Adolfo Simões Müller

OBRAS DE ADOLFO SIMÕES MÜLLER

PARA A INFÂNCIA E PARA A JUVENTUDE:

Meu Portugal, Meu Gigante, 1931, 2.^a edição
Jesus Pequenino, 1934, esgotado
Caixinha de Brinquedos (prémio nacional de literatura infantil), 1937, esgotado
A Última Varinha de Condão, 1941, 5.^a edição
O Feiticeiro da Cabana Azul (prémio nacional de literatura infantil), 1942, esgotado
Historiazinha de Portugal, 1944, 5.^a edição
A Última História da Xerazade, 1944, 2.^a edição
A Pedra Mágica e a Princesinha Doente, 1945, 6.^a edição
O Capitão da Morte, 1946, 5.^a edição
Aventuras do Trinca-Fortes, 1946, 8.^a edição
O Homem das Mil Invenções, 1947, 6.^a edição
D. Maria de Trazer por Casa, 1947
O Grande Almirante das Estrelas do Sul, 1949, 6.^a edição
O Livro das Fábulas, 1950, 2.^a edição
O Piloto do Navio Fantasma, 1952, 3.^a edição
A Viagem Maravilhosa do Comboio, 1956, esgotado
O Exército Imortal, 1957, 2.^a edição
A Lâmpada que não se Apaga, 1958, 4.^a edição
O Príncipe do Mar, 1959, 4.^a edição
O Fidalgo Engenhoso, 1960, 2.^a edição
Através do Continente Misterioso, 1962, 3.^a edição
O Mercador da Aventura, 1966, 2.^a edição
A Primeira Volta ao Mundo (prémio nacional de literatura infantil), 1971, esgotado
O Batedor da Pista do Tesouro, 1975, esgotado
Tejo — Rio Universal, 1981
Sola Sapato Rei Rainha, 1982, 2.^a edição
O Contador de Histórias, 1982
A Re(vira)volta dos Fantoches, 1983
O Douro — rio das mil aventuras, 1984
O Príncipe Imaginário, 1985
Histórias da Velha do Arco, 1986
Tesouros Universais da Literatura em Prosa para Crianças, 1986

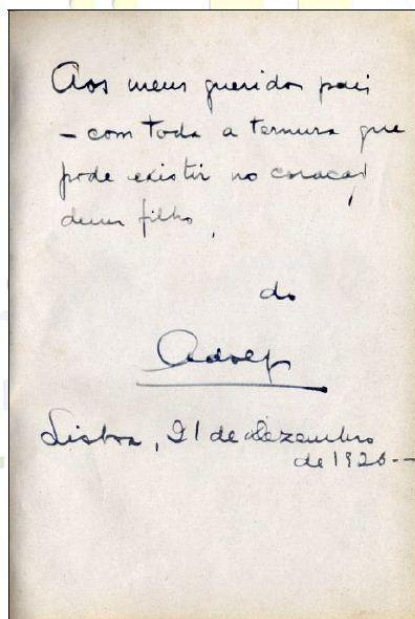
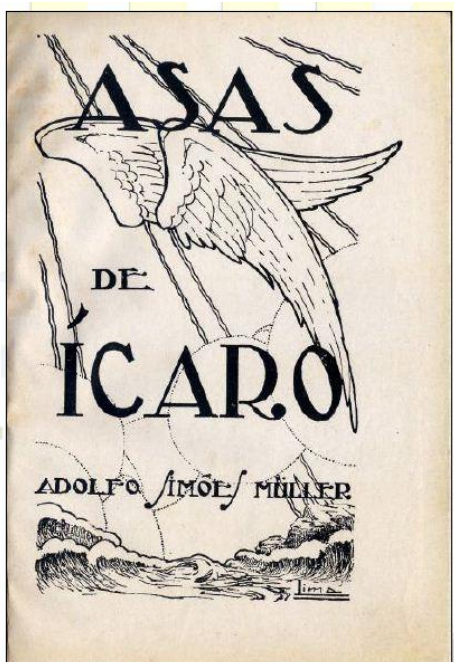
ADAPTAÇÕES

Os Lusíadas, 1980
Peregrinação, 1980
O Natal do Velho Aparento, 1981
A Morgadinha dos Canaviais, 1982
Miguel Strogoff, 1983
As Viagens de Gulliver, 1983
As Pupilas do Senhor Reitor, 1984
O Livro de Marco Polo, 1986

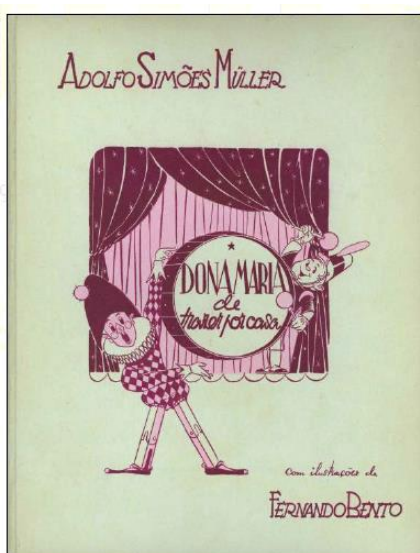
TEXTOS PARA BANDA DESENHADA

As Mil e Uma Noites, 1948
Luís de Camões, 1980
Com a Pena e com a Espada, 1983

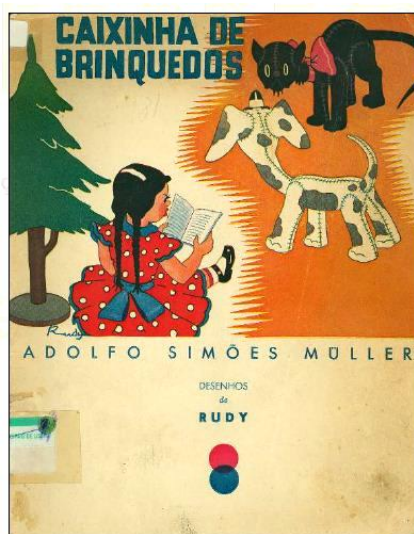
A vastíssima obra de Adolfo Simões Müller.



Capa do 1.º livro de Adolfo Simões Müller e reprodução da dedicatória aos pais.

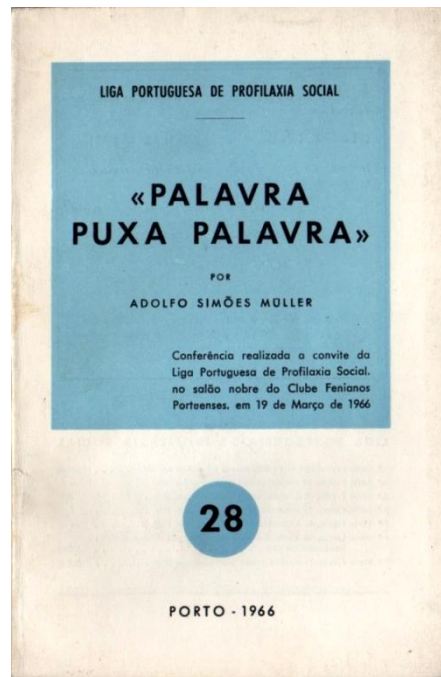
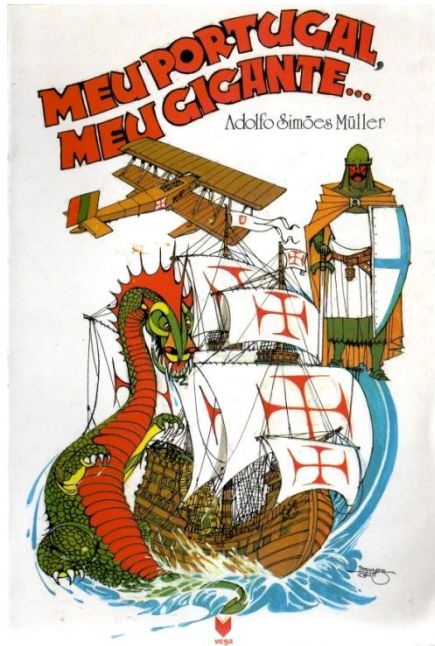


MÜLLER, Adolfo Simões; BENTO, Fernando (il.).- Dona Maria de trazer por casa. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1947.

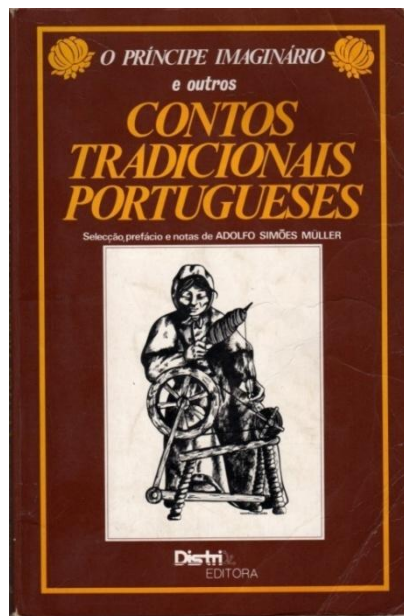
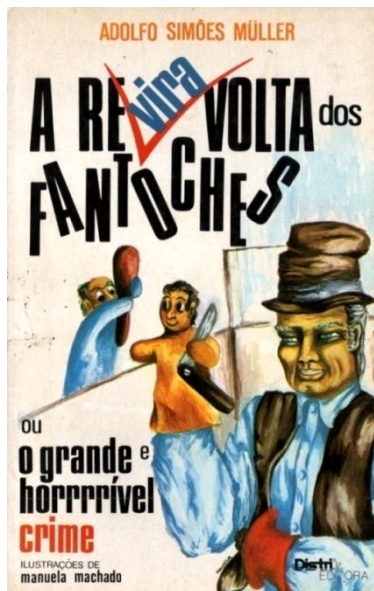


MÜLLER, Adolfo Simões; RUDY, pseud. (il.).- Caixinha de brinquedos. Lisboa: Semanário Infantil O Papagaio, 1937 (imp.).

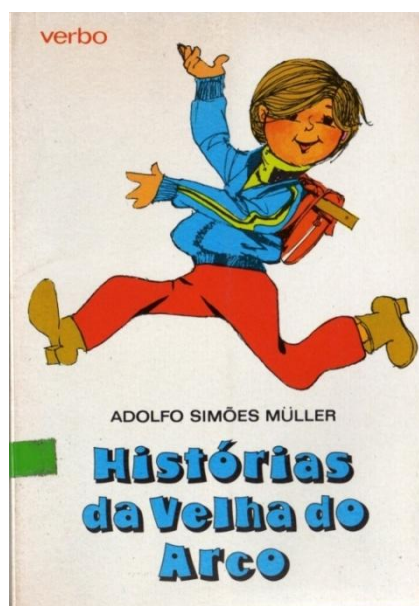
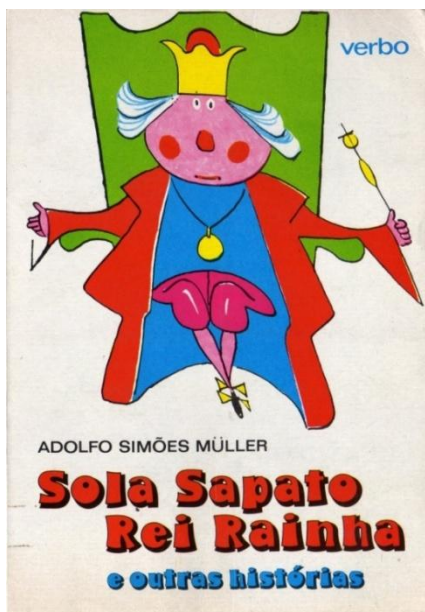
Dois dos livros mais lidos de Adolfo Simões Müller



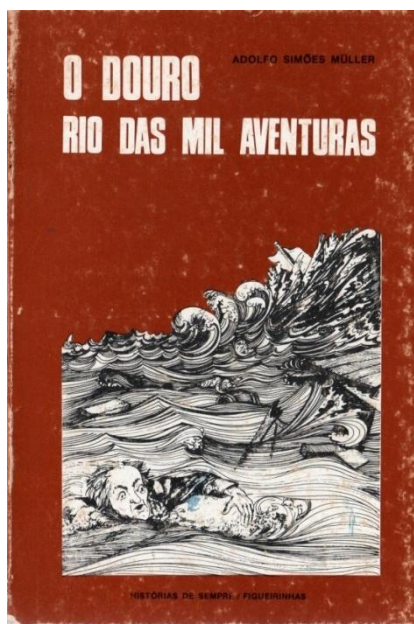
“Meu Portugal, Meu Gigante”, a obra mais lida do autor.
À direita, uma intervenção de Adolfo Simões Müller publicada em livro.



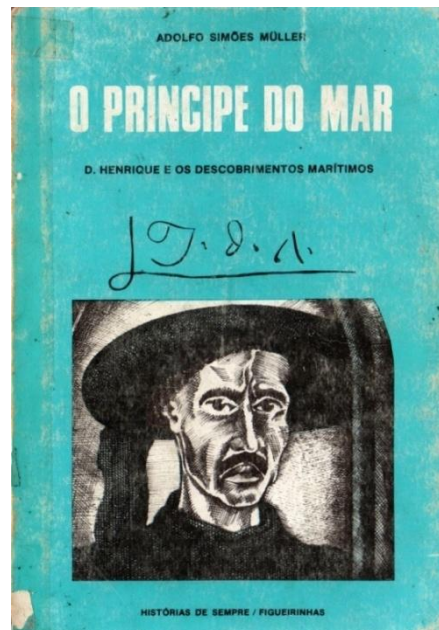
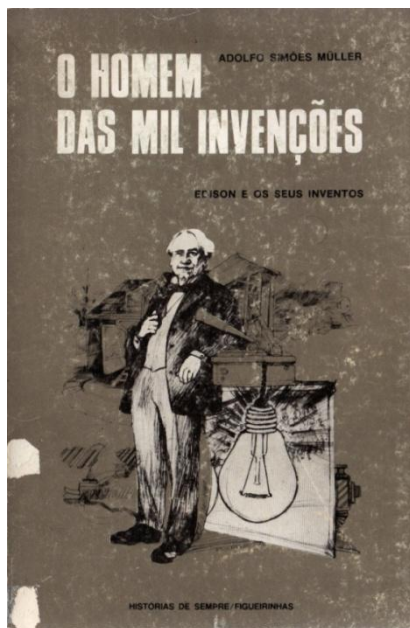
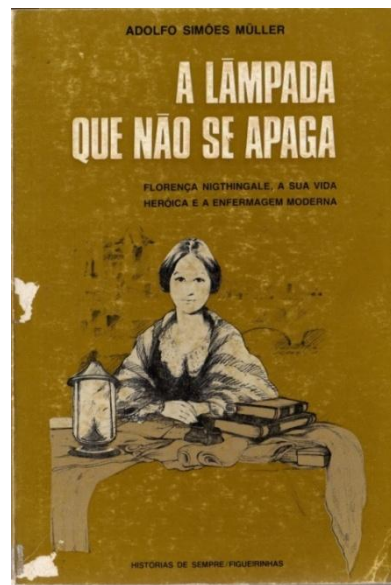
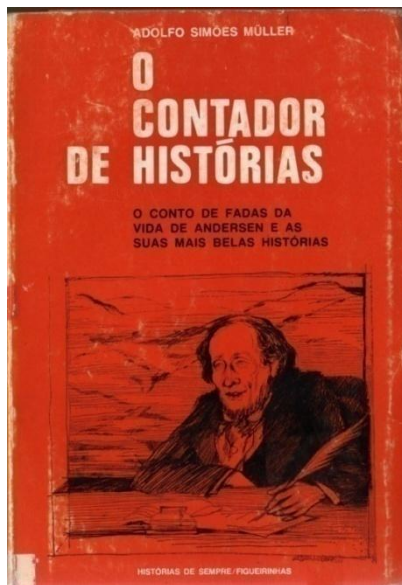
A Reviravolta dos Fantoches, uma incursão de ASM no teatro. À direita, a coletânea de contos tradicionais portugueses, em que o autor homenageia a “velha Sérgia”.



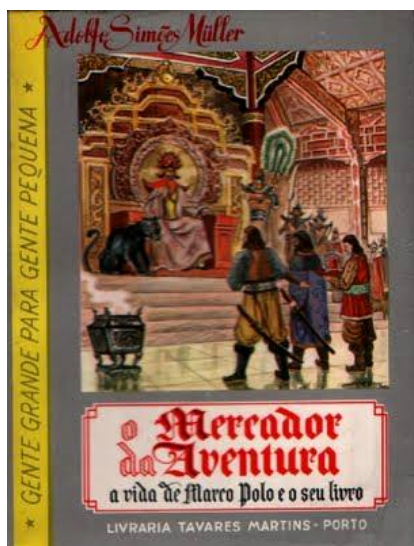
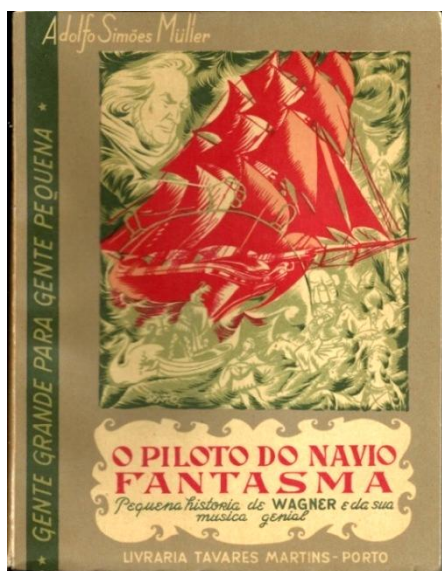
Dois dos títulos de ASM que podem ainda ser encontrados nas bibliotecas escolares.



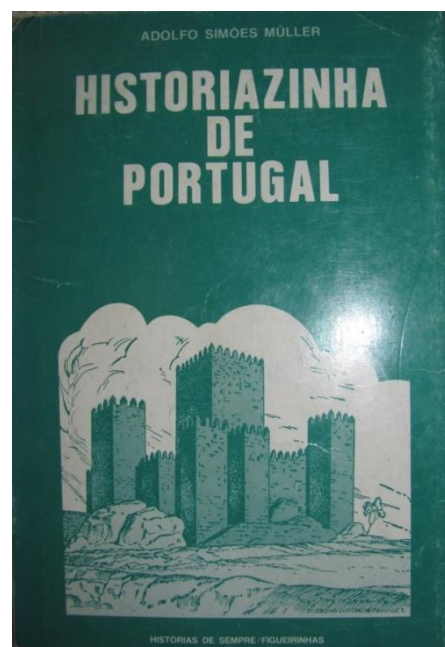
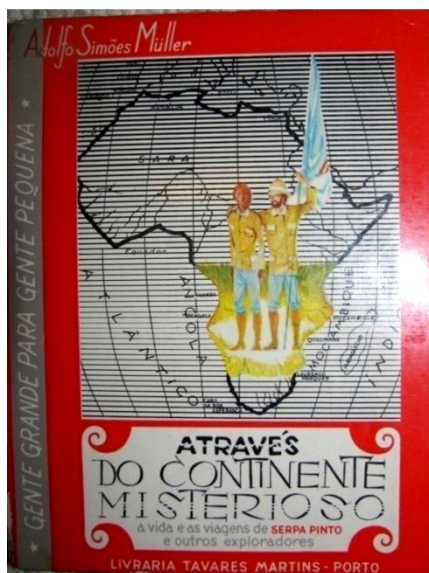
Livro foi posto à venda pelo Natal de 1950. Escrito em verso (edição da Empresa Nacional de Publicidade, de Lisboa). À direita, *O Douro – Rio das Mil Aventuras* é para Alice Vieira uma referência.



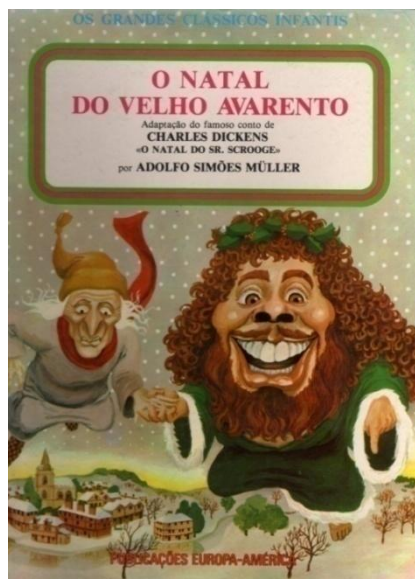
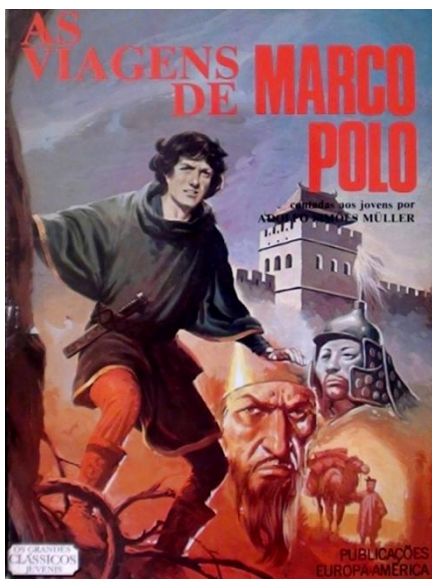
As biografias romaneadas de Adolfo Simões Müller.



Alguns dos títulos da coleção *Gente Grande para Gente Pequena*. Em *Trinca-Fortes*, Adolfo Simões Müller conta as aventuras do autor de *Os Lusíadas*.



No presente, só um alfarrabista poderá valer a quem quiser adquirir estes títulos.



Adolfo Simões Müller fica também conhecido pelas adaptações que fez de alguns dos clássicos da literatura portuguesa e universal.

Le 7^e juin 1940.

Cher Monsieur,

M'antérieurement de nos relations déjà longues, je me permets aujourd'hui de faire appel à vous pour vous demander un grand service.

Comme tant d'autres, hélas, j'ai dû fuir la Belgique et me réfugier en France.

Malheureusement, mes parents n'ont pu quitter Bruxelles. Et je suis naturellement, sans aucune nouvelle d'eux depuis près d'un mois.

Puis, vous demander s'il vous serait possible d'écrire à mon père :

Alexis Remy
17. avenue Belleme.
Boisfort. Bruxelles.

Je lui dirai que ma fille-soeur, sa petite fille, ma femme et moi-même nous sommes en sécurité et que nous sommes tous en bonne santé.

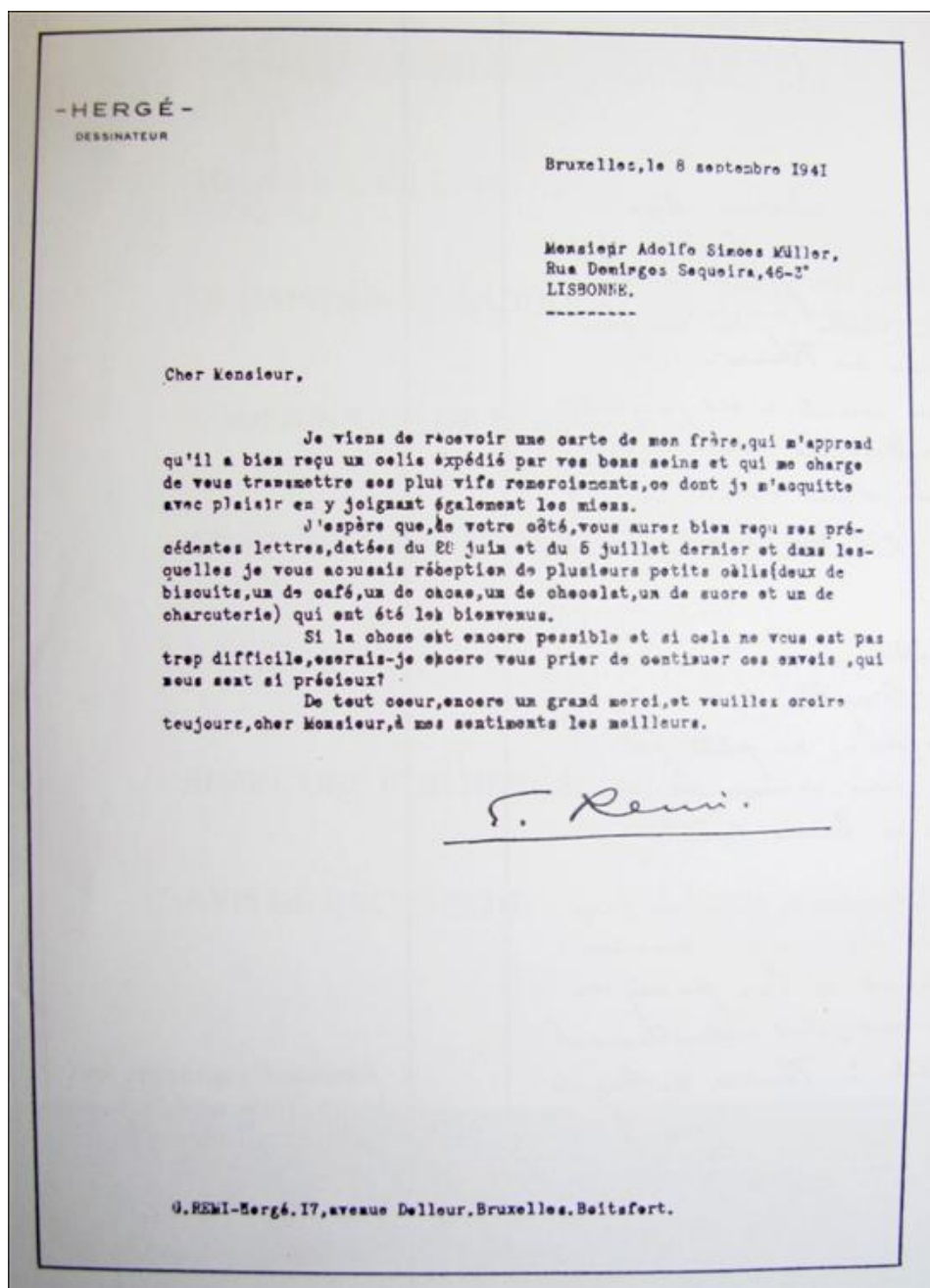
D'autre part, comme nous avons dû fuir précipitamment, je ne dis-je que de maigres nouvelles. Je vous prie très humblement de vous pourvoir me faire parvenir, soit directement, soit indirectement, le montant des droits relatifs à "Turkier en Angola" et à "l'Ouverture catholique", droits que le Syndicat de la République Artistique, à Paris, m'a dit ne pas encore avoir perçus.

J'avance, et de tout coeur, je vous remercie pour votre bonne intervention et je vous prie de croire, cher Monsieur, à mes sentiments les meilleurs.

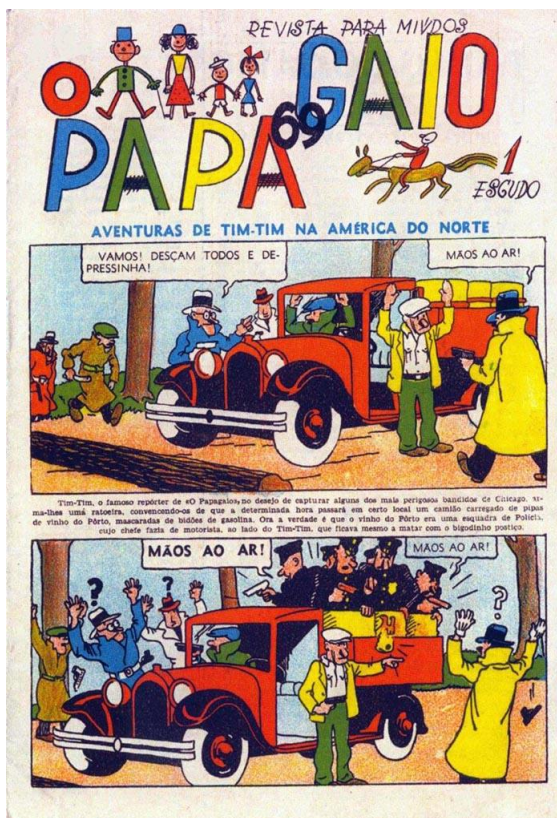
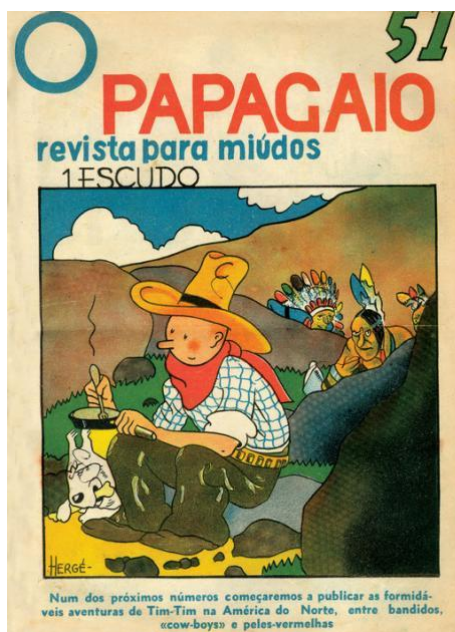
F. Remy (Hergé).

F. Remy (Hergé).
à Collange
par M^{lle} Germaine Lemhor
(Puy de Sôme)

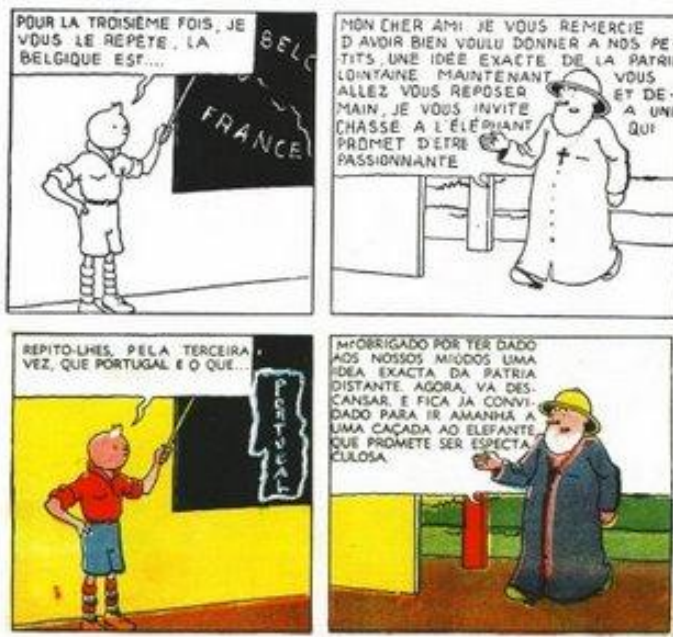
Carta de Hergé a Adolfo Simões Müller, datada de 7 de junho de 1940.



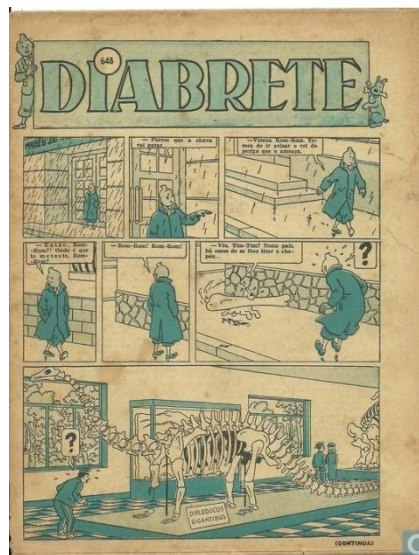
Carta de Hergé a Adolfo Simões Müller, datada de 8 de setembro de 1941.



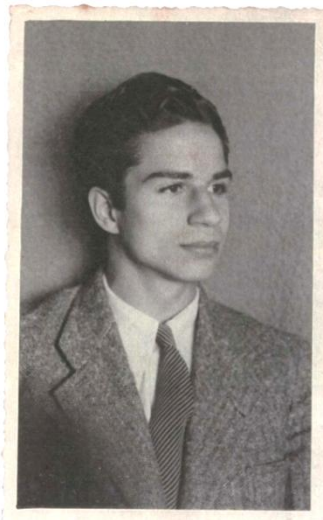
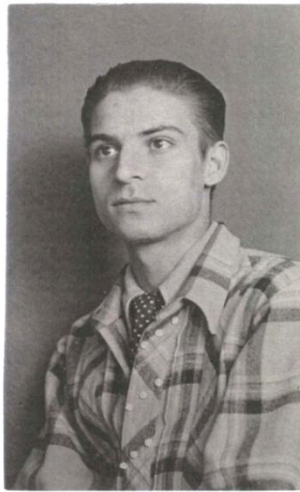
Capas de *O Papagaio*, em que *Tintin* foi mais do que aporuguesado.



Tintin au Congo transforma-se, n'O Papagaio em Tim-Tim em Angola.



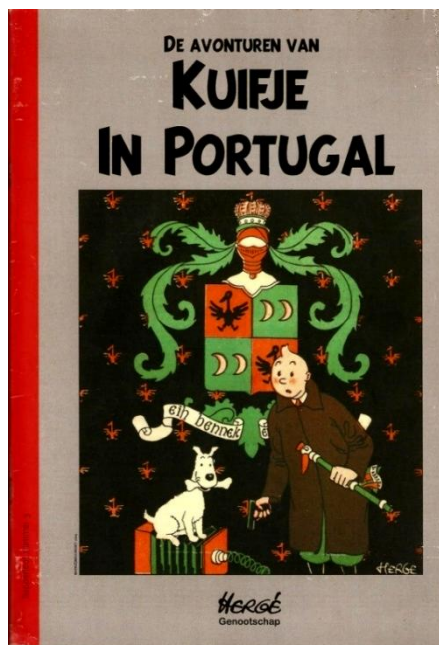
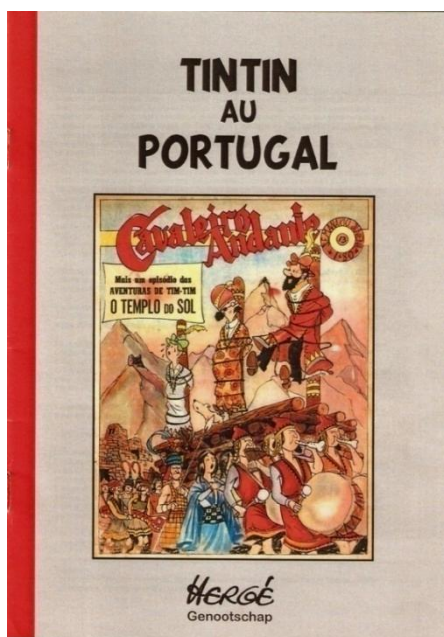
Duas capas do *Diabrete*, a segunda aventura editorial de Adolfo Simões Müller.



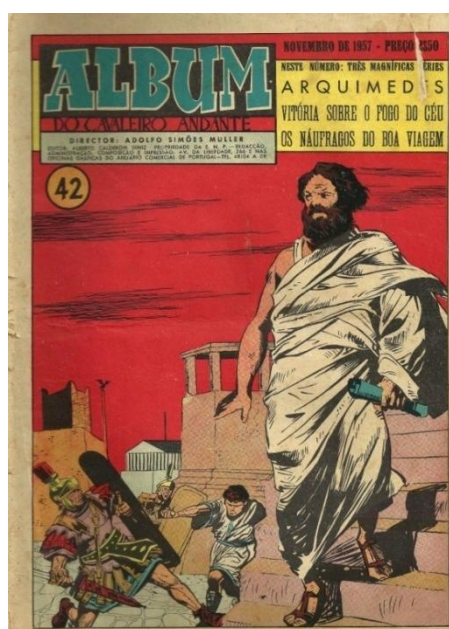
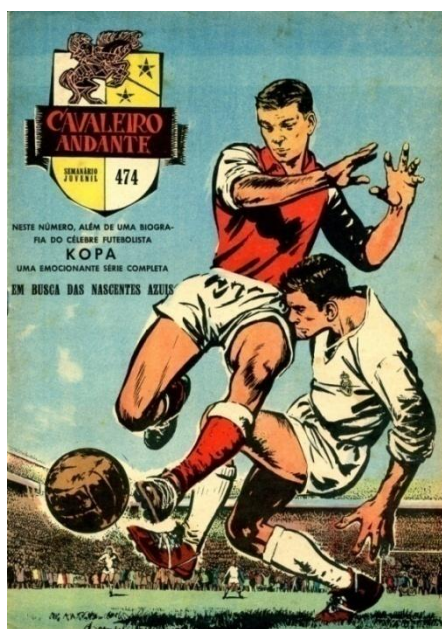
Sérgio Luiz e Güy Manuel. Os dois irmãos, responsáveis pelo *Boneco Rebelde*, publicado n' *O Papagaio*, faleceram precocemente no início de uma promissora carreira (fotos cedidas por Zé Oliveira).



Uma das rubricas mais apreciadas de *O Papagaio*. Desenho de Sérgio Luiz, gentilmente cedido por Zé Oliveira.



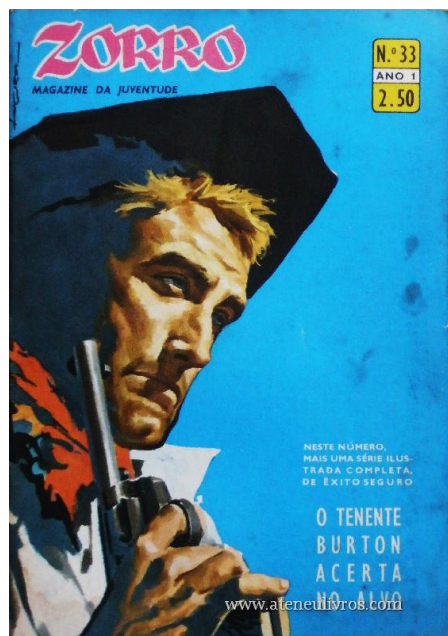
Duas capas para um mesmo livro da autoria de Jan Aarnout Boer sobre as ligações de *Tintin* a Portugal. Adolfo Simões Müller ainda propôs uma aventura de Tintin no nosso país, mais a ideia não vingou por não ser financeiramente viável.



O *Cavaleiro Andante*, a terceira aventura editorial de Adolfo Simões Müller.



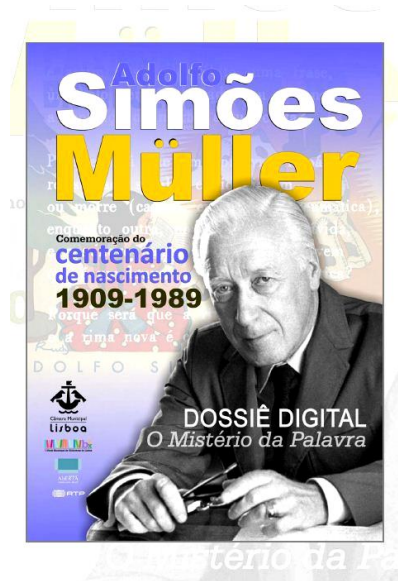
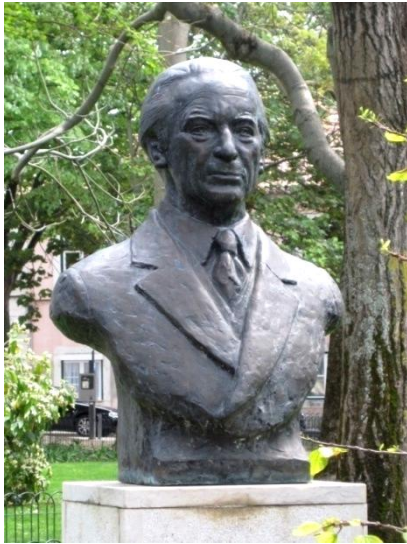
O Pajem era o suplemento para os mais novos incluído no Cavaleiro Andante.



Estas são as duas últimas revistas que Adolfo Simões Müller lançou. Do oitenta para para o oito. A primeira em formato gigante (durou 13 números) e a segunda em formato de bolso.



Páginas centrais do número especial de Natal de 1953, com ilustrações de José Félix, em que Adolfo Simões Müller promove a poesia junto dos leitores do *Cavaleiro Andante*.



Duas das homenagens prestadas a Adolfo Simões Müller: o busto no jardim das Amoreiras e o dossiê digital lançado por altura do centenário do escritor.



O Centro Cultural Infantil Adolfo Simões Müller, no Jardim do Alvito, Lisboa.

